

# **PRAIA NORTE**

## **REDESENHAR UM LIMITE**



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

FAUP - ano lectivo de 2011/2012

Ana Isabel da Rocha Dias





PRAIA NORTE  
REDESENHAR UM LIMITE

Aluno: Ana Isabel da Rocha Dias  
Orientador: Professor José Manuel Soares



# ÍNDICE

<b>RESUMO</b>		<b>9</b>
<b>ABSTRACT</b>		<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	Objectivo e objecto de estudo	<b>13</b>
	Metodologia	15
<b>O LITORAL VIANENSE – PRAIA NORTE</b>		<b>17</b>
	Litoral	19
	Litoral Vianense	20
	Praia Norte	21
<b>ANÁLISE</b>		<b>23</b>
	História	25
	Limites	31
	Apropriação	61
	Opiniões	67
	Projectos Propostos	69
	Referências	79



<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>83</b>
Reconfiguração	87
Rearticulação	91
Renaturalização	95
Reprogramação	97
<b>PROCESSO</b>	<b>101</b>
Desenhos	103
Maquetes	105
<b>PROJECTO</b>	<b>107</b>
Reconfiguração	109
Rearticulação	113
Renaturalização	119
Reprogramação	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>147</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>155</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>161</b>
Planta Geral de Implantação esc. 1/2000	
Maquete Geral (escala real 1/500)	



## RESUMO

A vontade de projectar na minha cidade de Viana do Castelo determinou a escolha do tema. Como última oportunidade de projecto académico, talvez um pouco utópico, sem as complicações de um projecto para um cliente real, propondo uma reabilitação num local da cidade que a mim me diz muito – **Praia Norte**.

A aproximação ao tema tem início na descrição do local onde a Praia se insere - **Litoral Vianense** – descrito numa leitura rápida e objetiva. Desenvolve-se, num segundo momento, a **Análise** da praia através de uma pesquisa e estudo sobre a História, os Limites, a Apropriação, os Projectos desenvolvidos para a praia, não construídos, Opiniões de Utentes e Referências. Feita a Análise, é retirada a informação importante para, num terceiro momento, se elaborar uma **Estratégia** para a reabilitação através de parâmetros como: reconfiguração, rearticulação, reprogramação e renaturalização. Como quarto capítulo é referido o **Processo** desenvolvido para elaborar o desenho de um **Projecto**, como forma de concretizar os parâmetros enumerados na estratégia.

Este projecto é uma possível resposta ao terreno proposto, reabilitando a praia, com o objectivo de desenvolver uma proposta que responda à problemática de um local como este, onde existe uma grande relação entre paisagem urbana e natural.





## ABSTRACT

The will of designing to my city of Viana do Castelo determined the theme's choice, as a last chance to do an academic project, perhaps a bit utopian, without the complications of a project for a real client, proposing the rehabilitation of a site that means a lot to me – **Praia Norte**.

The approach to the subject begins with a quick and objective description of the beach's surrounding area - **Litoral Vianense**. A second moment is the **Analysis** of the beach through the research and study of the history, the limits, the appropriation, the unbuilt projects for the site, user opinions and references. As the review is done, the important information is gathered to develop a **Strategy** for rehabilitation crossing parameters such as reconfiguration, reorganization, reprogramming and environmental concerns. The fourth chapter is referred to as the **Process** developed to prepare the **Design** as a way to achieve the parameters listed on the previous strategy.

This project is a possible response to the suggested site, a rehabilitation of the beach, with the purpose of developing a proposal that responds to the problematic of an area like this, where an intense relationship between the natural and the urban takes place.



**Fig.1** Olhar o Horizonte na Praia de Barcelona  
(Fotografia de autor)



**Fig.2** Olhar o Horizonte na Praia Norte  
(Fotografia de autor)



**Fig.3** Fotografia de Infância na Praia Norte no ano de 1998  
(Eu, com 10 anos, atrás da minha irmã)

# INTRODUÇÃO

## Objecto e objectivo de Estudo:

Num momento de reflexão, em Erasmus, sentada em plena praia na cidade de Barcelona, surgiu o tema da dissertação. Aquela sensação familiar de tranquilidade, de liberdade, de ver o mar e olhar o infinito, de ver gente a andar a pé, a correr ou de bicicleta, trouxe-me à lembrança, com saudade, a Praia Norte na minha cidade de Viana do Castelo. Ao confrontar-me com esta lembrança, olhando à minha volta e comparando, a praia Norte não tinha aquela qualidade urbana, nem oferecia aquela diversidade de lazer e desporto. Mas tinha potencial. Tinha o pôr-do-sol e era única pelo carácter pitoresco do seu curioso relevo rochoso. Logo me pareceu interessante e motivador como **objecto** de estudo, falar e desenvolver um projecto para a Praia Norte. Praia da minha infância, onde vou com muita frequência, de lembranças e qualidades únicas que me inquietam ao ponto de querer propor uma reabilitação.

Sendo a praia mais urbana da cidade de Viana do Castelo, encontra-se com todo o potencial muito pouco desenvolvido. O **objectivo** não é com isto torná-la menos praia e mais cidade, mas sim na praia da cidade, isto é, procurar estudá-la, analisá-la, encontrar uma estratégia e por fim fazer um projecto que a integre, de forma a completar sem nunca retirar o carácter de praia quase que virgem, rochosa e enigmática.

“Os principais motivos de trabalho surgem das características de um programa, de uma intenção ou de um conjunto de intenções funcionais para o sítio, e das próprias características do sítio... Construção de paisagem é sempre um redesenho de qualquer coisa que já existe”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> NUNES, João. in “PROAP Arquitectura Paisagista” .Lisboa: Note, 2010.



## Metodologia:

O seguinte trabalho é uma reflexão prática, resultado da experiência e análise do local, trabalho de projecto desenvolvido e devidamente inserido no contexto em questão. Para primeira abordagem do tema, parece-me importante uma contextualização do local, isto é, uma breve introdução sobre o **LITORAL VIANENSE** e do que lhe é mais característico, inserindo o local para o qual proponho uma reabilitação, a **PRAIA NORTE**.

Num segundo momento procuro estudar e analisar o que foi esta praia e como evoluiu até aos dias de hoje. Proponho então a **ANÁLISE** da História, dos Limites, da Apropriação, as Opiniões de frequentadores da praia, o projecto proposto pelo Arquitecto Henrique Carvalho, o projecto da Arquitecta Maria João Patronilho vencedor do Programa Pólis para construção futura, assim como outros projectos que me pareçam pertinentes como Referência.

Depois de uma análise aprofundada sobre a Praia Norte, pretendo retirar ideias e problemáticas que me permitam, num terceiro momento, delinear um programa e **ESTRATÉGIA** de intervenção, através da Reconfiguração, Rearticulação, Renaturalização e Reprogramação.

Como quarto momento exponho todo o **PROCESSO** de trabalho realizado ao nível de desenho e maquetes para, e como quinto momento, realizar um **PROJECTO**, uma proposta de reabilitação da Praia Norte.

Finalmente e como sexto momento, as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, de forma a dissertar sobre a minha intervenção e retirar conclusões de todo o trabalho realizado.

Quero apenas conhecer mais a minha cidade. Depois de sair de Viana, para uma viagem pelo universo da faculdade no Porto e pelo Erasmus em Barcelona, torna-se um regresso mais instruído aliado a uma leitura mais aprofundada que se une às lembranças e recordações que este recanto me suscita.



## O LITORAL VIANENSE - PRAIA NORTE

Quando se estuda e se pretende desenvolver um projecto em determinado lugar, importa situá-lo. Para isso, farei uma breve explicação geral sobre o **Litoral** e o **Litoral Vianense**, de forma a situar, por fim, a **Praia Norte**.



**Fig.4** Planta do Litoral Vianense  
(Retirada da Plataforma Google Earth, Nov. 2011)



**Fig.5** Panorâmica do Litoral Vianense visto do Monte de Santa Luzia.  
(Fotografia cedida pelo Arq. José Machado, colaborador do Arq. Henrique Carvalho)



## **Litoral**

O litoral é uma fronteira sensível entre um meio dinâmico e universal – a água (pelo movimento das marés, constituindo uma paisagem infinita, “sem referências”) e um meio estável e local – a terra (como meio reconhecível, pela solidez e memória).

A atracção das populações pelo litoral vem de longe, desenvolveu-se de acordo com a necessidade do Homem se relacionar com o elemento aquático. Primeiro, por uma questão de sobrevivência, depois por uma questão comercial e de transporte e, por fim, por uma questão de lazer e turismo.

## **Litoral Vianense**

A faixa litoral vianense é um valioso recurso natural. Uma paisagem onde o imenso verde agrícola e as manchas de pinhal são travados pelas dunas e praias, aqui e ali recortadas por recifes e pelos estuários dos rios que lhe atribuem diferentes configurações.

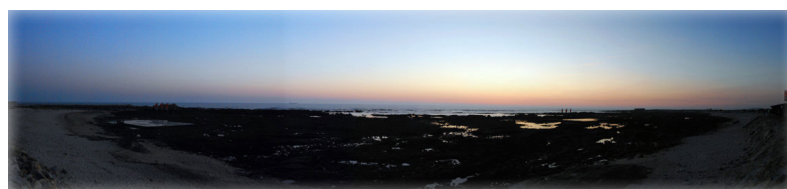
Com um traçado essencialmente rectilíneo, de orientação NNW – SSE, pouco recortada, a faixa litoral do concelho de Viana do Castelo, compreendida entre o rio Neiva e a Gelfa, numa extensão de 24km, abrange as freguesias de Castelo de Neiva, Chafé e Vila Nova de Anha na margem sul do rio Lima, e Areosa, Carreço e Afife na margem Norte.

Os recursos naturais, o posicionamento geográfico, o clima ameno de natureza marítima com 14Cº no Verão e 11Cº no Inverno, permitiram o estabelecimento de populações desde o paleolítico até à actualidade.

A costa é baixa e plana, constituída maioritariamente por extensas e não muito largas praias de areia, cascalhos, recifes, a que se associam maciços e afloramentos rochosos, com uma assinalável diversidade de algas marinhas, sistemas dunares,



**Fig.6** Planta de localização da Praia Norte esc. 1/30000



**Fig.7** Panorâmica da Praia Norte ao fim do dia.  
(Fotografia de autor)

cursos de água permanentes ou sazonais, estuários, promontórios, matas de pinheiro bravo, campos agrícolas, fortes militares, moinhos de vento e também testemunhos de arquitectura popular sob a forma de ruínas, outrora ligada às atividades tradicionais como a pesca artesanal e extracção de algas para adubar os campos agrícolas. Tudo isto faz parte da matriz paisagística e da identidade cultural do litoral vianense.

Aqui o mar alcança a sua máxima expressão...

## **Praia Norte**

“E que lindas são as praias de Viana do Castelo. Umas constituídas por extensos areais, outras pitorescas pelo seu curioso relevo rochoso”<sup>2</sup>

A praia Norte, situa-se junto à foz do Rio Lima e estende-se até à freguesia da Areosa. Pela proximidade da cidade, faz dela a praia de Viana por excelência. Esta serena praia rochosa da cidade, em forma de enseada entre os altos rochedos, é um pólo social, de lazer e convívio, bastante desfrutado por vianenses e visitantes.

Ao longo da vida elegemos lugares por motivos pessoais e íntimos, e voltamos a eles, física ou mentalmente, para nos sentirmos estranhamente em casa (como afirma Heidegger)<sup>3</sup>, estes espaços pertencem à nossa origem e é a eles que voltamos quando nos sentimos felizes ou desligados, exaustos ou disponíveis, confirmando que não existimos sem lugares afectivos.

A Praia Norte é exactamente esse lugar onde me sinto em casa. É neste limite rochoso de terra e mar, onde vou para pensar, recolher energias ou simplesmente contemplar, caminhar e tomar um café. Local único de eleição e de referência, com uma beleza natural inigualável, tanto em tempo de acalmia como no mais agreste temporal.

---

<sup>2</sup>CARVALHO, António de. - “Acontecimentos que Viana sentiu”, Viana do Castelo, 2005. pg.27

<sup>3</sup>HEIDEGGER, Martin - “Questions III”, Éditions Gallimard, Paris, 1966



## ANÁLISE

Ao intervir num lugar de grande beleza é importante realizar uma observação intensa do local para poder valorizá-lo e descobrir a sua essência.

O intenso domínio do escarpado em contacto com o Oceano Atlântico, a presença dos espaços agrícolas, o Forte e as vistas deslumbrantes, a relação entre a malha urbana e construída, deixam revelar o “contraste” deste lugar, que é necessário identificar e compreender.

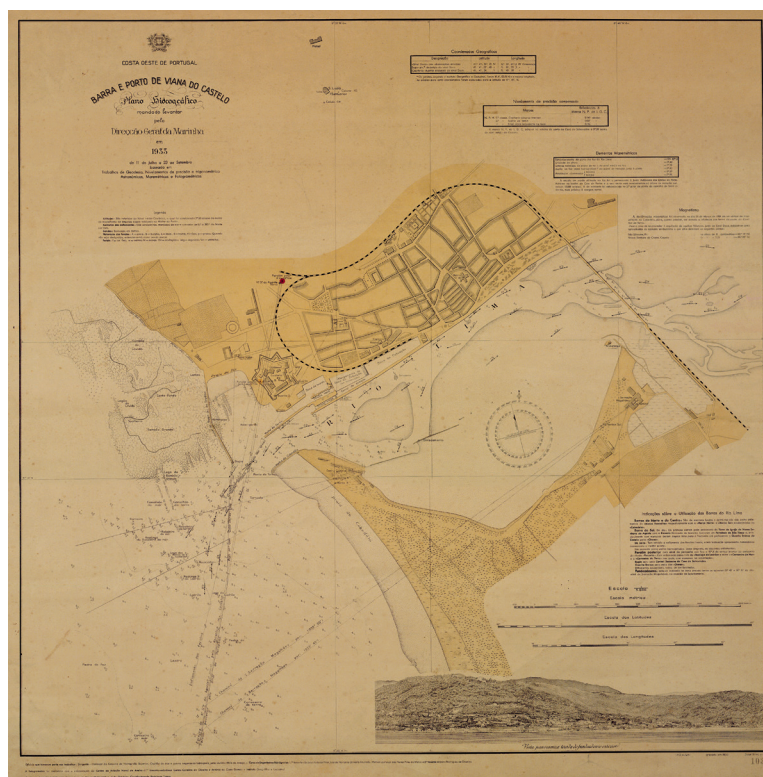
“Conhecer o lugar, analisar o lugar, examinar cuidadosamente o lugar não leva a uma resposta imediata, (...) considero o lugar como primeiro material com que se conta, a primeira pedra, a trama sobre a qual se projecta os nossos pensamentos arquitectónicos.”<sup>4</sup>

Como afirma Rafael Moneo, é importante conhecer o local como primeiro instrumento de trabalho. Desta forma, neste capítulo pretende-se analisar a Praia Norte no seu todo: como foi, através da **História**; como é, percebendo os seus **Limites** Norte, Sul, Nascente e Poente como Paisagem Natural e Paisagem Construída; a sua utilização desenvolvendo o tema **Apropriação**; os **Projectos** que foram **Propostos** para o local, a opinião de pessoas que já frequentaram a praia recorrendo ao tema **Opiniões** e por fim os projectos que serviram de **Referência** para o projecto de reabilitação.

Em cada um dos temas, em modo de conclusão, pretende-se fazer uma observação de forma a retirar o que pode ou não ser importante para a elaboração de uma estratégia.

---

<sup>4</sup> MONEO, Rafael - “Apuntes sobre 21 obras”, Editorial Gustavo Gil, 2010. pg.377



**Fig.8** Plano Hidrográfico da Barra e Porto de Mar do Rio Lima, 1933.  
(Plano cedido pelo Arquivo de Viana do Castelo)



**Fig.9** Praia Norte antes (anos 40) e depois (ano 2000)  
(Fonte: CARVALHO, António. "Viana do Castelo. Século XX. C.M. Viana do Castelo. 2001. pg.80)

## HISTÓRIA

De forma a tentar perceber aquilo que hoje já não é possível ver e assistir, apenas através daquilo que nos é dado a conhecer pelos livros, cartografias, ortofotomapas, fotografias e pelos relatos de antigos frequentadores da Praia Norte, que ainda lá vão mas que dizem já não ser o que era, “é um monte de aterros”<sup>5</sup>, importa estudar as suas transformações, tanto a nível geográfico como a nível de usos e costumes.

### **Antiga localização e fisionomia geográfica**

O sentimento de atractividade pela Praia Norte vem de longe, visto ter sido muito frequentada antigamente. Nos anos 40, a praia situava-se um pouco mais para Sul da actual (Fig.8 e 9). Desde então, uma parcela foi absorvida pela expansão dos Estaleiros Navais e, devido à dificuldade da entrada no rio Lima, destruiu-se entretanto os escolhos e construiu-se um molhe exterior de abrigo, com 2170m de comprimento em 1983. Estes aterros e plataformas de terra firme provocaram o desaparecimento da linha de costa original e de uma série de praias: a Praia da Ruivas, a Praia das Lamas, a Praia da Foz, a Lagoa do Covido, a Gamboa do Covido, bem como as vastas áreas de penedia e areais que as conformavam. “A Praia Norte era assim o que restava, ou seja, era uma área residual.”<sup>6</sup>

Com acesso principal pela ampla Avenida do Atlântico, rasgada em 1975, por entre terras aráveis integradas na vasta veiga de Areosa, via que permitiu também o alargamento ocidental da cidade em 1997, ficou ainda mais acessível com a abertura de uma outra via rodoviária que partindo da Alameda da Praia Norte vai desembocar na Estrada Nacional N<sup>o</sup> 13, na Areosa. Com a abertura destes acessos e sua consequente urbanização, largas extensões de terrenos de veiga agrícola desapareceram.

Da orla marítima natural desapareceu parte do areal, de difícil formação, a bordadura de matos rasteiros característicos da flora primitiva do litoral norte acima do Lima e as extensões de seixos rolados do período do Mesolítico.

---

<sup>5</sup>Opinião de um antigo frequentador da Praia numa conversa ocasional.

<sup>6</sup>ABREU, Alberto A. História de Viana do Castelo 2<sup>a</sup> Vol. | 2<sup>a</sup> Tomo, C. M. Viana do Castelo, 2008





**Fig.10** A antiga Praia Norte ainda com Banhos Quentes

(Fonte: CARVALHO, António. "Viana do Castelo. Século XX. C.M. Viana do Castelo. 2001. pg.78)



**Fig.11** Instalação dos Antigos Banhos Quentes



**Fig.12** Apanha de Sargaço

(Fonte: BOTELHO, João. "Modos Usos e Costumes na Veiga Litoral Vianense". Viana do Castelo, 2001. pg.18)



## **Banhos quentes**

Na antiga Praia Norte existia um velho estabelecimento de Banhos Quentes (Fig. 10 e 11) tão arcaicos que há registos de terem começado a sua actividade pelos anos de 1875 a 1880. Eram famosos por disporem de banhos de água salgada quente e fria ou fervida com algas marinhas.

## **Época balnear**

Nesses velhos tempos, mas ainda bem na lembrança de muitos vianenses com mais idade, grande número de pessoas desciam das serras e do interior e ali permaneciam, assim que a época balnear começava. Atraídos pela fama da superior qualidade das suas águas repletas de inúmeras algas e com elevado teor de iodo, os veraneantes com padecimentos de dores reumáticas e outros males, ficavam alojados nas casas térreas do Campo da Agonia. Iam em grupos para tomar banhos de mar, muitos deles por prescrição médica que, recomendavam para certos problemas de saúde, quinze, vinte ou trinta banhos. Chegavam à Praia Norte logo pela manhã, enfiados em capotes e xales.” Muitos nunca tinham visto o mar! Olhavam-no assombrados e com grandes manifestações de incredulidade e, como nada viam no horizonte, julgavam ser ali o fim do mundo”<sup>7</sup>.

## **Sargaceiras**

De entre esses diversos aspectos da vivência da Praia Norte, constituía-se como nota agradavelmente etnográfica a presença das sargaceiras que diariamente andavam na árdua tarefa de apanhar sargaço<sup>8</sup> para adubar as terras. Estas algas apanhadas na orla marítima, depois de espalhadas pelo chão junto à praia, eram secas e empilhadas. (Fig.12)

---

<sup>7</sup>CARVALHO, António de. - “ Acontecimentos que Viana sentiu”, C.M. de Viana do Castelo, 2005. pg.29

<sup>8</sup> **sargaço** - termo que em português designa a mistura de algas que dão á costa após a época de crescimento. PEREIRA, Rui. in Rede Natura 2000 de Viana do Castelo. 2000. pg.101



**Observações:**

- Recuperar o ar natural da praia, com os matos rasteiros já desaparecidos;
- Recuperar a tradição da ida aos antigos Banhos Quentes;
- Tornar do conhecimento geral as potencialidades das águas ricas em iodo e as algas;
- Entender as várias utilizações das algas, para consumo e utilização terapêutica.





## LIMITES

Sobre os limites importa distinguir, para facilitar a *análise* da Praia, o que é natural do que é construído a Norte, Sul, Nascente e Poente. Dividindo-se assim a *paisagem natural* que se entende por tudo que é natural, que já nasceu sem mão do homem, mas também o que foi plantado pelo mesmo – campos agrícolas; e a paisagem *construída* que inclui o edificado assim como os eixos viários e pedonais.

### Paisagem Natural

“O local constituído pela extensão e pela elevação do solo, por superfícies aquáticas, por verdura, rochedos ou céu, revestidos com os lençóis ou a cabeleira da vegetação, aberto de perspectivas, cortado de horizontes, é o pasto oferecido pelos nossos olhos aos nossos sentidos, à nossa sensibilidade, à nossa inteligência, ao nosso coração”<sup>9</sup>

É exactamente a visão, da citação anterior, que quero reter da Praia Norte. Esta riqueza de paisagem que a torna num local único e apetecível que importa descrever.

Numa conjuntura paisagística que envolve a Praia Norte é de salientar:

- a Nascente: A presença do Monte de Santa Luzia;
- a Norte: Os campos agrícolas;
- a Sul: O Rio Lima e a Praia do Coral;
- a Poente: O Oceano Atlântico, as rochas e toda a riqueza de algas e seres vivos associados.

---

<sup>9</sup>CORBUSIER, in “Conversa com os estudantes das escolas de arquitectura”. Editora Cotovia, 2009, pg.47

## **Limite Natural Nascente**

## **A Nascente:**

### **A presença do Monte de Santa Luzia**

A presença do Monte de Santa Luzia, funciona como pano de fundo à praia. Contrasta com a planície da orla costeira e dos campos agrícolas, servindo de proteção, mas também de miradouro e, em tempos idos, de vigia sobre possíveis ataques vindos do mar.

### **Terreno ao abandono**

Este terreno encontra-se delimitado por vias de acesso à praia, tornando-se num espaço residual e ao abandono.

**Limite Natural Norte**



## **A Norte:**

### **A placitude dos campos agrícolas**

A veiga, integra uma extensa área de terreno agrícola que se prolonga para Norte e está integrada na Reserva Agrícola Nacional<sup>10</sup>. Considero a veiga agrícola como Paisagem Natural, pois pertence a todo o conjunto de vegetação e riqueza paisagística que contribui para a beleza não só da Praia Norte, como para a maioria das praias de Viana do Castelo.

Temos assim a proximidade do mar e a planície como factores mais marcantes de uma fisionomia agrária específica. O povoamento das freguesias litorais tem como ponto comum o facto de não ter ocupado este terreno, afastando-se do mar e deixando a veiga livre para a agricultura.

Os terrenos da veiga são os mais férteis e apetecíveis, tal acentua-se com a íntima relação que os homens estabeleceram com o mar de onde se iria buscar um recurso essencial para a agricultura - o sargaço - que entretanto caiu em desuso, sendo já residual, com a introdução dos adubos químicos.<sup>11</sup>

Desenha-se uma paisagem que se assemelha a uma manta de retalhos, todos verdes, mas de diferentes tonalidades, causadas pelos diferentes graus de maturação da cultura. De forma rectângular, perpendicularmente ao mar, divididos apenas por marcas, sem recorrer a barreiras físicas, cultiva-se essencialmente, centeio, milho, e productos hortícolas practicamente para autoconsumo. Estes campos são uma constante na paisagem do litoral vianense.

---

<sup>10</sup>Decreto-Lei n.º 73/2009, de 31 de Março - aprova o novo Regime Jurídico da Reserva Agrícola Nacional, abreviadamente designada RAN. O novo regime da RAN introduz na ordem jurídica a nova metodologia de classificação das terras, conforme recomendação da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação

<sup>11</sup>BOTELHO, João. "Modos Usos e Costumes na Veiga Litoral Vianense". Viana do Castelo, 2001.

**Limite Natural Sul**

## **A Sul:**

### **Onde o rio se encontra com o mar**

No molhe da Barra o Rio Lima funde-se no Oceano. O campo visual estende-se sem limites quando se olha para Poente, olhando o infinito horizonte, balizada pelo molhe e Praia do Cabedelo a Sul, estreitando-se entre as margens do rio quando se olha para nascente.

### **Praia do Coral**

Praia fluvial, de localização privilegiada por se encontrar abrigada pelo molhe da Barra. Desta forma, encontra-se protegida das nortadas tão características das praias do Norte e das grandes ondas por ser banhada pelas águas calmas do rio Lima. É uma praia serena, muito pouco utilizada, ideal para a prática de desportos náuticos.

**Limite Natural Poente**

## A Poente:

### Onde o mar encontra a terra

“Com a invulgar paisagem, surpreendente nas horas de baixa-mar, de penedias de configurações insólitas e didáticas no revelar da história das suas transformações geomorfológicas (...) e o plano de água Oceânico de nome Atlântico.”<sup>12</sup>

A característica surpreendente da Praia Norte reside na presença duma linha sinuosa, configurada como resultado de um processo de centenas de milhões de anos que materializou um maciço rochoso de grande rugosidade que confere um estado de equilíbrio ao limite entre a água e a terra.

A geodiversidade é expressa pela variedade de formas, estruturas, materiais e pode ser sentida, por exemplo, pela variedade de cores. O cinzento é característico dos granitos, e uma larga variedade de cores entre o branco-amarelado, e o negro traduz a variedade de quartzitos e xistos. Estas rochas têm a sua origem em ambientes com cerca de 300 milhões de anos, formaram-se a profundidades que se estimam entre três e sete quilómetros e a sua actual presença à superfície resulta da conjuntura de processos de levantamento tectónico e de erosão.<sup>13</sup>

A paisagem geológica é um espaço científico, didático e cultural, de diferentes arquitecturas, que funciona como um museu ao ar livre, quando nos deparamos com a complexidade de geoformas como as cristas (Fig.13), dobras e *ripple marks*<sup>14</sup>, formas mais abundantes verificadas na Praia Norte.

---

<sup>12</sup>CARVALHO, Henrique. Memória descritiva - Projecto de reabilitação da Praia Norte. 1993

<sup>13</sup> Ver mais informação em: MATOS, Elizabeth - “Rede Natura 2000 de Viana do Castelo: Espaços Naturais.” Viana do Castelo. 2000. pg.107 a 115

<sup>14</sup> Geoformas provocadas pela ondulação e erosão: Cristas - geoforma que se verifica nos xistos; dobras e *ripple marks* - geoforma que se verifica em quartzito.



**Fig.13** Exemplo de Cristas  
(Fotografia de Autor)



**Fig.14** Alga *Ascophyllum nodosum*  
(Fotografia de Autor)

## **O plano de água Oceânico e a côr negra das superfícies submersíveis**

Em contacto com o mar o granito visto à distância torna-se negro. Ao perto, afinal, negro é o verde, o vermelho e o castanho das algas de diferentes cores e feitios, e a côr escura dos moluscos agarrados às rochas. Constitui-se um mundo microbiológico de encanto contemplativo inigualável. Isto deve-se ao permanente movimento de água associado a condições climáticas, que convertem os rochedos em locais privilegiados para a instalação de numerosos organismos. Assim, substractos como fendas, pequenas poças, depressões, covas, etc, são colonizados por uma grande diversidade de seres vivos.

O investigador António Santos considera a Praia Norte como “ a zona mais sensível, face á singularidade deste local, em relação a toda a restante costa portuguesa, por se tratar de uma zona abrigada, com declive pouco acentuado, onde predominam populações de algas castanhas de várias espécies, sendo a alga *Ascophyllum nodosum*<sup>15</sup> (Fig.14) mais abundante e conhecida.”<sup>16</sup> Esta e outras algas castanhas eram utilizadas para adubar as terras - sargaço - hoje um hábito meramente residual, sendo aproveitada pelas indústrias farmacêutica e cosmética. Esta alga é bastante familiar a todos numa ida à praia. A população desta alga castanha na Praia Norte representa o limite Sul de distribuição da espécie na Europa. É possível também observar corais, diversas espécies de esponjas e uma diversidade extraordinária de crustáceos.

De águas frias a rondar os 17 Cº, é conhecida pelas propriedades “medicinais” por ser muito rica em iodo. Varia aproximadamente 2 metros entre maré alta - praia-mar (+1m) - e maré baixa - baixa-mar (-1m).

---

<sup>15</sup>Alga Castanha com potencial uso cosmético e medicinal: laxante e cicatrização de queimaduras. PEREIRA, Leonel. Algas. Os seus Usos na Agricultura, indústria e Alimentação. C.M. de Viana do Castelo, 2010. pg. 26

<sup>16</sup>FARIA, Horácio - Comunidades e Dinâmica da Orla Costeira Altominhota- in Estudos Regionais nº22, Viana do Catelo: CER, 2001. pg. 79





**Observações:**

- A Protecção, valorização e conservação do Património Geológico e Biológico da Praia Norte é importante, através da promoção científico-didática e a divulgação turística. O sentido lúdico da sua observação constitui um património de memória para quem o experimentou de excepcional riqueza. Deveria ser uma etapa fundamental da aprendizagem.



## **PAISAGEM CONSTRUÍDA**

O sentido urbano da Praia Norte:

- A Nascente: Os acessos à praia e a sua consequente urbanização;
- A Norte: o Forte da Areosa;
- A Sul: A Área de Concessões e o Molhe da Barra;
- A Poente: As piscinas de Marés, o Lagosteiro e a Ponte de acesso às Pedras Rubras ou Ruivas.

**Limite Construído Nascente**

## **A Nascente**

### **Os acessos à praia e sua consequente urbanização**

A Avenida do Atlântico é o acesso com maior relação com a cidade. Faz a ligação desde o Campo da Agonia até à Praia. Ao longo dela desenvolvem-se escolas, bairros, piscinas municipais, um infantário, pavilhão desportivo e o IPVC (Instituto Politécnico de Viana do Castelo), que tem a sua Biblioteca da autoria do Arquitecto Fernando Távora, de frente para a Praia.

Na Avenida de Figueiredo, acesso mais recente que se faz pela Estrada Nacional 13, encontra-se a urbanização do lado poente da E.N.13 e a partir dela começam os campos ou veigas agrícolas. É interessante como a E.N. 13 criou uma linha de fronteira entre a zona habitada e os campos agrícolas. Este acesso foi construído no seguimento de outro também recente paralelo à praia Norte e que faz também ligação à Avenida do Atlântico.

### **A Alameda da Praia Norte**

Esta Alameda ladeada por via automóvel e parque de estacionamento vai desde o molhe da Barra até ao fortim da Areosa. É um projecto da autoria de um Arquitecto da Câmara Municipal com o objectivo de tornar a Praia mais acessível aos utentes. Este projecto engloba também a construção de dois cafés e um muro de contenção de terras em pedra que faz a separação entre a Praia e a Alameda, tornando-a acessível apenas por escadas pontuais. Para o forte foi criado uma via de acesso em madeira, chamada eco-via. A vontade de ter uma biblioteca de praia fez com que fosse colocado um edifício pré-fabricado (contentor), bastante utilizada na época balnear, localizada de frente para a alameda ao lado de um terreno abandonado. Neste terreno ao abandono existe também um edifício rural, que se encontra à venda, onde há um abrir e fechar de restaurantes sem êxito pois embora estejam em frente à Praia não tiram partido da sua atmosfera.



É uma Alameda com um perfil reduzido para a prática de passeio e sem qualidade para a corrida e bicicleta, com via automóvel e estacionamento muito em cima da praia, inundando-a de carros. A relação entre a praia do passeio é quebrada pelo muro de pedra. Os cafés associados à Alameda também não estão adequados para o local, uma vez que parecem estar colocados de maneira aleatória, quebrando a continuidade dos passeios da Alameda, sem qualidade arquitectónica, de espaço reduzido e com pouca relação com a envolvente.

**Limite Construído Norte**



## A Norte

### Forte isolado e sobranceiro ao mar

Este pequeno *Forte da Vinha, Velho ou Fortim da Areosa*, de planta poligonal, destinava-se à defesa da costa. Integrava o grande sistema defensivo do litoral. Este forte, tal como outros fortes no Litoral Vianense, foi construído entre 1690 e 1702 para aí se instalar uma guarnição militar.<sup>17</sup> Apesar de classificado como Imóvel de Interesse Público, está abandonado há cerca de 50 anos, apresentando uma grande degradação ao nível da sua estrutura. É um forte com uma única porta virada a Nascente.

O forte é o limite Norte, que pelo seu carácter de ruína, é já quase parte da natureza funcionando como miradouro, a sua natural apropriação. É importante a criação de um acesso seguro.

### Acessos alternativos

Por entre veigas agrícolas é possível o acesso à praia, sendo estes acessos vocacionados para facilitar a manutenção destes campos. É também possível o acesso à praia por um caminho em seixos rolados que une à praia seguinte. Este caminho leva-nos também a um moinho de vento, passando já os limites da praia Norte.

O carácter orgânico e fluído destes caminhos e o facto de serem pedonais, são características que me interessam particularmente.

---

<sup>17</sup> D. Pedro II delineou um novo sistema de defesa da costa, através de um rosário de fortes, desde o Castelo do Queijo à Ínsua de Caminha, sendo de destacar em Viana do Castelo o de S.Tiago da Barra e o seu Fortim - o Forte da Vinha - ; assim como mais fortes - forte de Paçô em Carreço; Forte do Cão na Gelfa, Forte da Largateira em Vila Praia de Ancora - contra o desembarque dos espanhóis.

ABREU, Alberto A. História de Viana do Castelo 2º Vol. | 2º Tomo, C. M. Viana do Castelo, 2008

O Fortim da Vinha ou da Areosa, nunca chegou a ter qualquer utilidade, nem sequer chegou a ser artilhado e, devido ao estado de abandono e ruína, ficou popularmente conhecido po Castelo Velho.

CARVALHO, António de. - " Acontecimentos que Viana sentiu", Viana do Castelo, 2005. pg.170

**Limite Construído Sul**

## **A Sul**

### **Área de concessões**

A Área de concessões conquistada ao mar pela Junta Autónoma dos Portos do Norte, tem como objectivo funcionar como zona industrial, de lazer e apoio à praia.

O objectivo não foi conseguido, tornando-se praticamente numa zona industrial, sem relação com o molhe e mar, não tirando partido do potencial do local, apenas o Hotel e o Bar do Coral funcionam, mas as relações com o mar e acessos não estão conseguidas.

### **Molhe da Barra**

O molhe da Barra encontra-se dividido em dois momentos: o que se desenvolve junto da Área de concessões até à praia do Coral e o passeio que rompe as águas e nos leva para o meio da tempestade ou para a viagem deslumbrante no tempo de acalmia. O molhe potencia estas duas sensações: o de perigo e de impotência no mau tempo, o de deslumbramento numa viagem de barco em tempo de sol.

A falta de zonas de descanso e estar tornam o percurso interminável.

### **Praia do Coral**

Esta praia é apoiada de um bar e equipamento de apoio náutico – bar do Coral. O acesso a esta praia é feito através de passadiços de madeira, que ligam a praça do Bar do Coral até à praia. Do Molhe não é possível aceder directamente a esta praia, sendo apenas possível o acesso pela Avenida da Área de concessões.

## **Limite Construído Poente**

## **A Poente**

### **As piscinas de marés**

No meio das rochas situam-se duas piscinas de marés, construídas directamente no local, sem desenho prévio, para potenciar banhos de água salgada em tempo de baixa-mar. O acesso à piscina principal é feito através de um lagosteiro desactivado. Para a outra piscina, usada essencialmente para crianças, acede-se pelo areal.

### **Lagosteiro**

É um passeio em pedra que entra por entre as rochas e nos leva mar adentro até um antigo viveiro de lagosta. Encontra-se actualmente desativado.

### **A ponte até às Pedras Rubras ou Ruivas**

A ponte até às Pedras Rubras, é uma ponte em madeira que permite, em segurança, visitar estas pedras de nome Rubras, as mais altas pedras da Praia Norte que chegam a atingir os 4 metros de altura.



### **Observações:**

“A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva”<sup>18</sup>

Esta relação entre Natureza e Construção, referida por Siza, penso não ser conseguida nesta praia. Não há um diálogo harmonioso. A construção parece ferir o que há de Natural, sem relações tanto arquitectónicas e topográficas como materiais. Existe, a meu ver, uma estranha sensação de que aquela construção não pertence àquele lugar, resultando numa paisagem ambígua, onde a construção ofusca a Natureza, sem a relação pretendida, principalmente quando se fala num local tão sensível como esta praia.

Assim sendo, referindo apenas observações em relação à paisagem construída, uma vez que a natural é para preservar e manter, penso que é de ter em conta na análise nos limites da praia:

### **Nascente:**

- Os acessos avançam muito perto da Praia
- Alameda de perfil muito reduzido
- Muro de separação cria uma grande barreira, com acessos pouco claros
- Cafés pequenos, má qualidade arquitectónica
- Biblioteca é um pré-fabricado
- O vazio urbano desaproveitado, com o edifício rural sem utilidade e completamente desenquadrado.

---

<sup>18</sup> SIZA, Álvaro - “Imaginar a Evidência”, Lisboa: Edições 70, 1998. pg. 17





**Norte:**

A mudar:

- Forte de grande beleza mas degradado, com acesso perigoso

A reter:

- Acessos pedonais de seixos rolados, do forte até ao moinho

**Sul:**

A mudar:

- A área de concessões é uma zona industrial sem relação com o molhe
- Praia de coral sem acesso direto desde o molhe
- Molhe perigoso, sem qualidade de passeio público

**Ponte:**

A manter:

- Acesso em pedra ao Lagosteiro e ponte de madeira pedonal

Pesca



**Fig.15** Apanha de Caracóis  
(Fotografia de autor)



**Fig.16** Pai a apanhar camarão  
(Fotografia de autor)

Banhar



**Fig.17** Banhar nas poças  
(Fotografia de autor)



**Fig.18** Banhar na piscina de marés  
(Fotografia de autor)

Lazer



**Fig.19** Apanhar sol no Verão  
(Fotografia de autor)



**Fig.20** Passear no Inverno  
(Fotografia de autor)

Parar



**Fig.21** Contemplar a Praia no cimo do Forte  
(Fotografia de autor)



**Fig.22** Contemplar a Praia sentada nas rochas  
(Fotografia de autor)

## APROPRIAÇÃO

Quando se fala em Apropriação, fala-se no tipo de usos e actividades que se pode verificar na Praia Norte, concentrando inúmeros e diversificados interesses de utilização, faça dia ou faça noite, esteja a maior das calmarias ou a mais terrível das tempestades.

**-Pesca:** feita por amadores, normalmente entre os rochedos, em baixa-mar. Como pesca entende-se também a apanha de moluscos nas rochas, a pesca de camarão, caranguejo e polvo;

**-Apanha de Sargaço:** já bastante em desuso, feita maioritariamente por senhoras com alguma idade, com a finalidade de adubar as terras.

**-Banhar:** nas piscinas de marés ou por entre as rochas, normalmente verifica-se a maior frequência de idosos, pela grande potencialidade da água rica em iodo e algas, e as crianças por estarem livres de perigo, podendo nadar nas pequenas poças que se formam por entre as rochas em baixa-mar.

**-Lazer:** Casais de namorados, famílias, grupos e indivíduos isolados, novos e idosos, homens e mulheres, em passeio, a fazer desporto, a ler, a jogar, a apanhar sol, a experimentar a praia fora da época, protegidos dentro dos cafés, por detrás das rochas ou nos próprios carros.

**-Parar:** a vislumbrar a paisagem, a admirar as rochas ou simplesmente em atitude contemplativa quer na própria praia, nas rochas ou no cimo do fortim da Areosa, já em ruínas mas muito utilizado como miradouro.



### **Observações:**

Todos os tipos de apropriação que aqui são descritos não resultam de um desenho arquitectónico obrigatório. A praia só por si é sempre um lugar que despoleta um sentimento de pertença. Quero apenas valorizar/incentivar através da arquitectura uma maior interacção com a praia.

De todas estas utilizações e apropriações da Praia, penso que o Parar é a que mais me interessa como tema no desenvolver do projecto.

“Demora o olhar, demora”<sup>19</sup>

A reter:

- O parar como tema de projecto
- Miradouro - fortim da areosa

---

<sup>19</sup> PESSOA, Fernando in “Poesia 1902 - 1917”, Editora Assírio & Alvim, 2005



## OPINIÕES

Embora seja frequentadora da praia, é importante ter em conta a opinião de outros frequentadores<sup>20</sup> que eventualmente me possam ajudar a elaborar uma estratégia para o projecto, através de uma visão que não a de um estudante de arquitectura, ou uma visão pessoal, já um pouco viciada e que poderá não reparar em pormenores que possam ser importantes.

André Costa, 19/07/2011

“A Praia Norte é uma praia em que o areal é bastante limitado sendo mais à base de pedregulhos, apesar da sua boa localização perto do centro da cidade, não considero esta praia uma das mais apropriadas para a estação balnear. Na minha opinião é mais apropriada para uns passeios tanto diurnos como noturnos à beira-mar.”

Dana , 20/06/2011

“Conheci esta praia durante um passeio. De fácil acesso, quer de carro ou transportes públicos, perfeito para todos. Esta praia é muito bonita, com areias limpas, agradável, apesar de ter muitas rochas, o que a pode tornar um pouco perigosa para quem não conhecer bem. Um óptimo local para aproveitar o calor, e o fresco das águas, com uma área de areia bastante grande, e ambiente calmo. Com vistas muito bonitas, perfeitas para fotografias lindíssimas. Adorei e recomendo a passagem por todos que estejam lá perto!”

---

<sup>20</sup>Opiniões encontradas na página web - <http://www.trivago.com.br/viana-do-castelo-51103/praias/do-norte-1797471/opinioes>.  
última visita: 20/05/2012





Bruno, 11, 21/04/2011

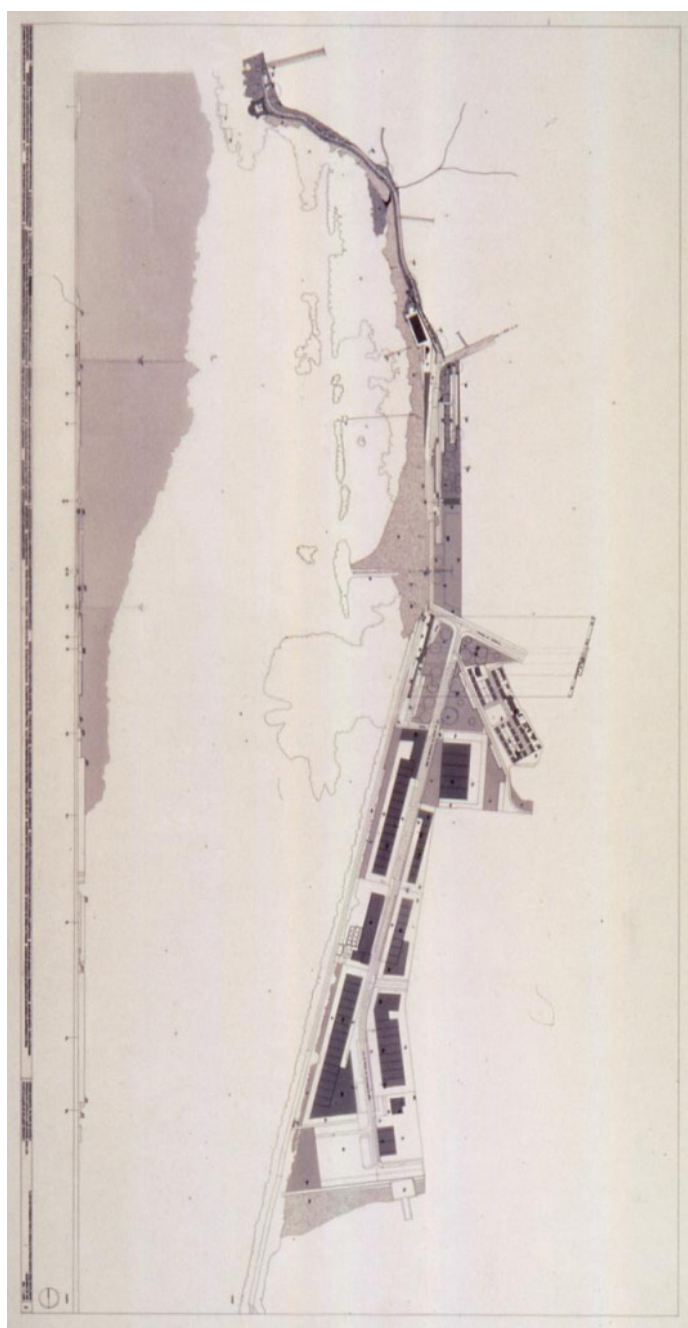
“A praia Norte é sempre muito visitada ao longo de todo o ano. Eu gosto muito desta praia por ter fáceis acessos, por estar perto da cidade, mas não é uma praia que recomendo para nadar ou para apanhar sol no areal. A areia é muito grossa e tem sempre muitas algas e a praia tem muitas rochas. Apesar de não ir para lá no Verão para nadar gosto de ir durante todo o ano apenas para passear, para fazer desporto ou apenas para ir aos cafés / restaurantes que lá existem. Gosto muita desta praia para fazer desporto.”

Ana Teresa, 14/04/2011

“Estive recentemente nesta praia, usufruindo da sua beleza e inspiração à tranquilidade enquanto me deliciava com um gelado. É uma praia relativamente pequena em termos de areal e com bastantes rochedos, motivo pelo qual, no Verão, opto por visitar outras praias da costa de Viana. Esta praia possui acessibilidade ao longo da mesma para practicar desporto ou para dar um longo passeio à beira mar. O ponto mais forte é a sua localização próxima do centro da cidade que faz com que seja bastante fácil aceder à mesma.”

### **Observações:**

- De grande beleza e tranquila
- Boa localização, perto da cidade
- Bons acessos
- Bom para caminhar e correr à beira mar
- Mau para nadar pela existência das rochas
- Praia pequena com pouco e grosso areal



**Fig.23** Planta de Cobertura do Projecto do Arq. Henrique Carvalho para a Praia Norte  
 (Fonte: Planta cedida pelo Arq. José Machado, colaborador do Projecto. 1993)

## PROJECTOS PROPOSTOS

É importante ver diferentes propostas de implantação, de outros Arquitectos, de forma a também poder apreender ideias, temas ou conceitos que me pareçam importantes.

Devo salientar, que antes da pesquisa dos dois projectos que seguidamente analisarei, já tinha iniciado as ideias base da minha proposta para evitar viciar o olhar, desenvolvendo a minha intenção de implantação e ideia geral de projecto.

### **Proposta do Arquitecto Henrique Carvalho no ano de 1993**

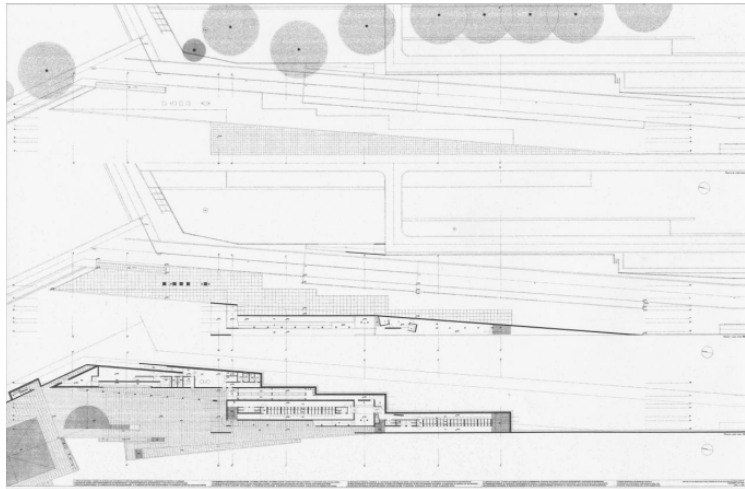
Antes de ser construído o projecto da Câmara Municipal para activar a Praia Norte (Alameda, arruamentos, cafés, Área de concessões e piscinas de marés) houve um projecto desenvolvido pelo Arquitecto Henrique de Carvalho que não foi construído devido ao grande custo que o envolvia.

Não era de Viana, mas tinha uma grande relação com a cidade por ligação familiar, frequentando a Praia Norte na sua infância e sendo por isso um grande conhecedor desta praia.

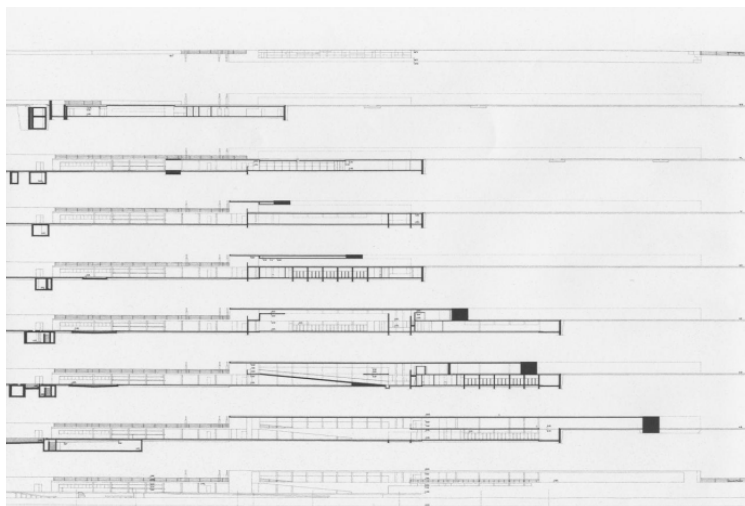
Caracterização do Projecto:

- A via de acesso ao parque de concessões e a via marginal, articuladas com a Avenida do Atlântico tinham traçados rectilíneos, faixas de estacionamento e passeios em ambos os lados.

- A via de acesso à EN 13 e a via de acesso ao fortim, nos limites da veiga, tinham traçados sinuosos, sem faixas de estacionamento e passeios, ou com faixa de



**Fig.24** Plantas Projecto do Arq. Henrique Carvalho para a Praia Norte  
 (Fonte: Cedido pelo Arq. José Machado, colaborador do Projecto. 1993)



**Fig.25** Cortes Projecto do Arq. Henrique Carvalho para a Praia Norte  
 (Fonte: Cedido pelo Arq. José Machado, colaborador do Projecto. 1993)

estacionamento e passeio só num dos lados, de forma a jogar com o terreno; era evidente a adequação dos seus perfis longitudinais e transversais à configuração do terreno natural.

- Os edifícios existentes seriam recuperados e reconvertidos, sem alteração das suas características físicas. O fortim seria uma memória; o edifício rural seria utilizado como posto dos Socorros a Náufragos.

- Os equipamentos a construir de raiz eram dispersos pela praia: piscina de água salgada, bar e esplanada e um equipamento de talassoterapia. Todos eles abertos sobre o mar, marcadamente horizontais, adequando-se assim às características físicas da envolvente:

- A piscina era localizada a Poente, na articulação entre a via marginal, a via de acesso à EN 13 e a via de acesso ao fortim, na transição dos espaços urbanos para os espaços rurais ou naturais, num ponto de inflexão do terreno original, contribuindo assim para a protecção da piscina dos ventos norte dominantes. O edifício de apoio da piscina, de planta linear, tinha dois pisos, o superior à cota das vias e o inferior à cota do areal.

- O bar / esplanada era localizado a Poente da articulação entre a Avenida do Atlântico, a via de acesso ao parque de concessões e a via marginal e era adjacente ao arranque do molhe.

- O equipamento de talassoterapia localizava-se também a Nascente da via marginal, mas a Sul da construção rural existente, e também a uma cota inferior à da via. Teria três pisos, sendo o térreo vazado. Era também proposto um acesso directo à praia através de uma passagem sob a via marginal, o qual era rematado por um conjunto de penedos.

- Os materiais de revestimento das vias seriam: cubos de granito, no termo da Avenida do Atlântico, no limite sul da via marginal, e na via de acesso à EN13; calçada à portuguesa, na via de acesso ao fortim e no limite Norte da via marginal;



lajetas de betão, na área do passeio correspondente à cobertura do piso enterrado da piscina e aparelho irregular de granito nas valetas. Os materiais propostos para o acabamento das fachadas dos edifícios eram betão ou granito aparentes, placagem de betão ou de granito aparentes, reboco e caixilharias de madeira maciça ou aço inox.

- A cobertura vegetal, tal como o desenho das vias, era condicionada pela sua localização em relação à envolvente. Nas áreas em contacto com a veiga – via de acesso ao fortim – e a Norte da construção rural – parque de estacionamento e recreio – eram recuperados os matos rasteiros característicos da flora local.

### **Observações**

A reter:

- Horizontalidade, minimizando o impacto de construção
- Grande relação com a praia, tanto à cota da marginal, como à cota do areal
- Joga com a topografia e natureza
- Replantação dos matos rasteiros

Menos conseguido:

- Estacionamento confuso



**Fig.26** Planta Geral de Localização do Projecto da Arq. Maria Patronilho  
(Fonte: Cedido pela Pólis Viana do Castelo)



## **Proposta da Arquitecta Maria João Patronilho no ano de 2010**

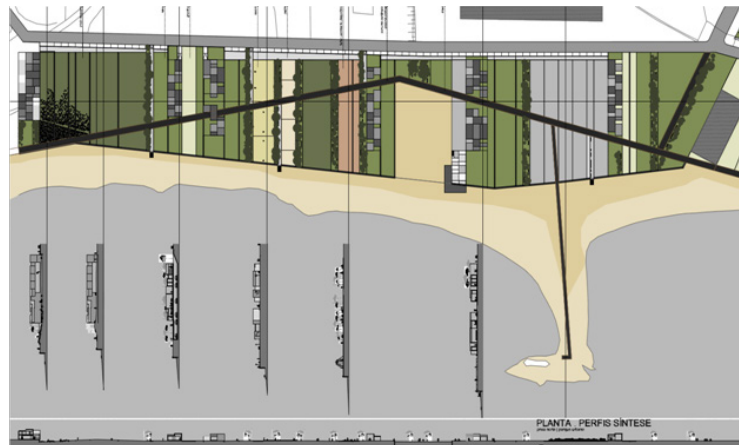
No decorrer de um concurso lançado em 2009 pelo Programa Polis, para a reabilitação da Praia Norte, foi eleito um projecto desenvolvido pela Arq. Maria João Patronilho, que por motivos monetários ainda não foi possível dar início à sua construção.

É de referir os objetivos e eixos estratégicos dos termos de referência no programa concurso de reabilitação da Praia Norte:

- Ordenamento do estacionamento e reformulação do perfil da marginal
- Criação de áreas destinadas à prática desportiva e de lazer complementares do uso balnear
- Implantação dos seguintes Equipamentos: Apoio à vigilância e segurança das praias, Interpretação ambiental e Posto de leitura pública.
- Criação de estruturas de apoio à prática de desportos náuticos motorizados.

### Caracterização do Projecto:

- A via marginal deixa de existir e passa a ser utilizada a nova via, recuada e paralela à anterior.
- Demolição do edifício rural e de 2 edifícios de restauração, assim como a demolição do muro de enrocamento e construção de um em betão com altura média de 1,5m, fazendo ligação à praia através de acessos pontuais em escada.
- Corredor de ligação à praia do Coral.
- Construção de um Parque Verde pedonal e ciclável, parcelado perpendicularmente a nível de pavimentos e de edifícios, no total de seis e dividindo em quatro praças:
  - Praça da Cultura- com equipamento de apoio a actividades culturais e espetáculos associados também a um anfiteatro.



**Fig.27** Plantas e Cortes do Projecto da Arq. Maria Patronilho  
(Fonte: Cedido pela Pólis Viana do Castelo)



**Fig.28** Planta de Projecto da Arq. Maria Patronilho  
Zona de Contacto com Área de Concessões e Praia do Coral  
(Fonte: Cedido pela Pólis Viana do Castelo.)

- Praça dos Desportos- associada às actividades desportivas com um equipamento de apoio com balneários, posto de socorro e restauração.

- Praça da Praia- Equipamento de Biblioteca Pública

- Praça da água- com pulverização de vapor de água e equipamento de Interpretação Ambiental.

- Praça de Lazer e Bem Estar- equipamento de Clínica Terapêutica e um espaço de restauração de comida biológica.

- A nível de materiais, os edifícios serão todos em betão aparente. A nível de pavimentos o emparcelamento do Parque Verde varia consoante o material utilizado como a areia, pedra, gravilha, saibro e relva. As vias pedonais são em madeira.

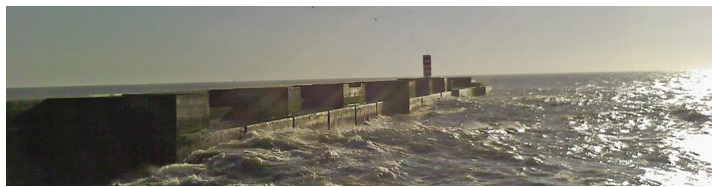
### **Observações**

A reter:

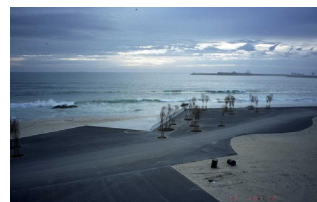
- Protege dos ventos através de perpendicularidades;
- Relação com o parcelamento da veiga existente

Menos conseguido:

- Muro que divide a praia
- Edifícios na perpendicular cortam a relação com a frente marítima
- Muito construído e edifícios muito subdivididos
- Pouca clareza no projecto tornando-se confuso com excesso programa e diversidade de materiais, muitas vezes repetido sem necessidade.
- Não há uma procura de relacionar o projecto com o existente, quase que interagindo com a envolvente de modo autista, numa lógica de parque da cidade, que sendo esse o objectivo, na minha opinião não faz sentido neste local.



**Fig.29** Projecto do Molhe do Norte do Arq. Carlos Prata  
(Fonte: <http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=165>)



**Fig.30** Projecto Passeio Atlântico do Arq. Manuel de Solà-Morales  
(Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=443401&page=4>. Porto - Foz do Douro Antiga e Moderna)

## REFERÊNCIAS

Antes de iniciar um projecto é importante a pesquisa de exemplos semelhantes, recorrendo a projectos inseridos no mesmo contexto para nos lembrar que não existe apenas um caminho mas sim vários. Procuro apenas uma resposta pessoal ao terreno proposto, podendo ter influências, mais ou menos conscientes, de alguns exemplos que me pareceram importantes como estratégia para a elaboração do trabalho.

O molhe do Norte, projecto do Arquitecto Carlos Prata, assim como o projecto para a reabilitação da frente marítima do Porto, o Passeio Atlântico do Arquitecto Solá-Morales, foram os projectos que mais me influenciaram, não só pela linguagem e materialidade mas também talvez pela proximidade e pela possibilidade de os poder experienciar várias vezes em idas à cidade do Porto.

### **Molhe do Norte do Arquitecto Carlos Prata**

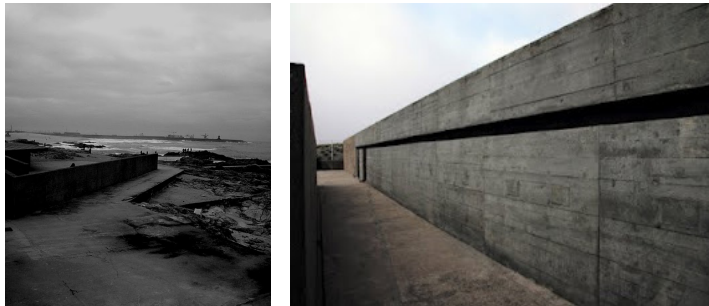
O projecto do molhe é para mim uma experiência notável, um projecto de grande admiração. Interessa-me, como influência, o seu carácter ritmado de espaços, todos eles diferentes, com características e modos de apropriação distintos. Estes espaços tornam o molhe não num corredor enorme em que se percorre até ao fim, mas num passeio com possibilidade de paragem, onde o próprio desenho dos espaços nos permite admirar o mar ora sentado ora deitado, ou percorrendo-o a pé através das suas diferentes actuações, ouvindo o seu ruído e sentindo os salpicos provocados pelo bater das ondas nos momentos de agitação. Cada visita torna-se diferente pela variedade de experiências sensoriais e visuais.

Não só a linguagem do projecto é para mim uma influência como também a materialidade, a utilização do betão como material que se adapta, ganhando a patine de uma imponente rocha que não fere a vista, numa harmoniosa relação com o mar.



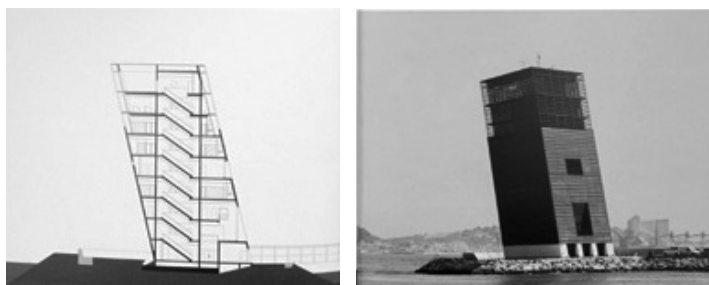
**Fig.31** Piscinas de Marés -Biscoitos. Açores

(Fonte: <http://bagosdeuva.blogspot.pt/2009/06/calheta-ou-piscina-natural.html>)



**Fig.32** Piscinas de Marés do Arq. Álvaro Siza. Leça da Palmeira

(Fonte: <http://bagosdeuva.blogspot.pt/2009/06/calheta-ou-piscina-natural.html>)



**Fig.33** Torre Piloto do Arq. Gonçalo Byrne. Lisboa

(-BYRNE, Gonçalo "Geografias Vivas", Caleidosc3pio, 2006)

## **Passeio Marítimo do Arquitecto Solà-Morales**

No projecto da frente marítima do Solà-Morales é interessante perceber a maneira como se adapta a cada situação do terreno, a relação que mantém com a praia rochosa, o parque da cidade e com a zona urbana, ou seja, a conciliação do meio urbano com o natural. Como influência parece-me importante salientar o desenho fluído do espaço público, ora sinuoso e orgânico, ora geometrizado, dependendo do contacto pretendido com a envolvente. Assim como as várias possibilidades de percursos, desde os de grande contacto com a praia, mais chegados às rochas, areia e mar, ou à cota superior, mais elevados e de contacto mais urbano.

Outros projectos como: as Piscinas do Arq. Álvaro Siza em Leça da Palmeira (Fig.32) pela materialidade e pela relação do edificado com a envolvente, desenvolvendo-se à cota da Praia, minimizando o impacto visual; as piscinas de marés dos biscoitos nos Açores (Fig.31) pela integração nas rochas; a torre piloto em Lisboa do Gonçalo Byrne (Fig.33) pelo remate do molhe, entre outras, também formam o conjunto de influências para o projecto.

### **Observações:**

Molhe do Norte

- Horizontalidade; equipamentos à cota inferior privilegiando sempre a paisagem; carácter ritmado de espaços de paragem no espaço público; materialidade

Passeio Marítimo de Solà-Morales

-Relação do construído com o natural; desenho fluído do espaço público, geometrizado ou orgânico

-Relação de cota do passeio marítimo com cota da praia





## ESTRATÉGIA

“Paulo David apropria-se da zona de implantação como primeira matéria do projecto, geometrizo o perfil irregular e delimita um novo campo de referência formal que se abre para reenquadrar a natureza primitiva da envolvente”<sup>21</sup>

A vontade de construir sem nunca esquecer de enquadrar a natureza, referido por Gonçalo Byrne, é o ponto essencial que não se esquece quando se intervém num local de grande riqueza paisagística como é a Praia Norte.

Mediante uma análise profunda da interpretação do território e da paisagem, análise histórica, as várias formas de apropriação, projectos elaborados, opiniões de utentes e referências, o projecto pretende acima de tudo, constituir parte desta paisagem, actuando num espaço tão sensível como é o limite da terra.

No processo de reabilitação da Praia a que me proponho, enumeram-se vários “res” que importa distinguir, como uma maneira de melhor explicar a estratégia delineada para a elaboração do Projecto - **reconfiguração, rearticulação, renaturalização e reprogramação** – que faço atribuir aos pontos da análise que me parecem mais importantes para a intervenção. Depois de feita a atribuição, passo a explicar cada tópico e o que significam. Estes tópicos funcionam quase como etapas por mim encontradas, que me parecem essenciais para a elaboração e explicação do que pretendo no projecto.

---

<sup>21</sup> BYRNE, Gonçalo, in 2G Paulo David, nº 47, 2009



## ANÁLISE

## ESTRATÉGIA

<b>História</b>	- Mato rasteiro	<b>Renaturalização</b>
	- Banhos Quentes; Potencial da água rica em iodo e das algas	<b>Reprogramação</b>
<b>Limites</b>	- Carros avançam muito até à praia; muro de separação cria barreira com a praia e acessos pouco claros; Vazio urbano desaproveitado; molhe perigoso sem qualidade de passeio público	<b>Reconfiguração</b>
	- Praia do coral não acessível pelo molhe assim como com toda a zona industrial	<b>Rearticulação</b>
	- Alameda de perfil reduzido; cafés sem qualidade arquitectónica e muito pequenos; biblioteca pré-fabricada; forte degradado; molhe perigoso sem qualidade de passeio público	<b>Reprogramação</b>
<b>Apropriação</b>	-Caminho sinuoso de seixos rolados	<b>Renaturalização</b>
	-Parar- miradouro	<b>Reprogramação</b>
<b>Opiniões</b>	-Praia pequena	<b>Reconfiguração</b>
<b>Projectos Propostos</b>	Projecto do Arq. Henrique Carvalho - horizontalidade; minimizar o impacto da construção - a meio piso	<b>Reconfiguração</b>
<b>Referências</b>	Molhe do Norte Arq. Carlos Prata:	
	-Horizontalidade; equipamentos a cota inferior privilegiando sempre a paisagem;	<b>Reconfiguração</b>
	-Carácter ritmado de espaços de paragem no espaço público;	<b>Reprogramação</b>
	-Materialidade	<b>Renaturalização</b>
	Passeio Marítimo Arq. Sola-Morales	
	-Relação do construído com o natural; desenho fluido do espaço público, geometrizado ou orgânico	<b>Rearticulação</b>
	-Relação de cota passeio marítimo com cota da praia	



## RECONFIGURAÇÃO

Atribuo o nome de reconfiguração à relação do projecto com a topografia e integração com o terreno e a natureza, ao redesenho do limite entre terra e mar, reenquadrando a paisagem.

A implantação da proposta procura uma (re)definição da margem, ocupando o terreno na sua extensão longitudinal paralelamente à linha costeira, traduzida numa vontade de reinventar a envolvente.

A Praia Norte é um lugar único, onde natureza e artificial convivem com a poderosa presença do Oceano. Um lugar de atmosfera singular que reclama uma atitude reflexiva e persistente por parte do arquitecto, pois enfrenta-se a uma natureza obstinada e poderosa, com a qual não só se deve conviver, mas também potenciar, com o rigor e a disciplina próprias da arquitectura.

“A arquitectura, para o ser, tem de se demarcar da natureza. Mas de um modo ou de outro, ela emerge da natureza, faz parte de um todo, embora tenha de se demarcar”<sup>22</sup>

Procura-se uma arquitectura que valorize as características do lugar, ligada à topografia e à geografia, que respeita a paisagem e catalisa novas formas de entender “a vista” através de uma íntima relação entre o mar, a paisagem e o novo construído.

“Para mim, a primeira e primordial arquitectura é a geografia.”<sup>23</sup>

Pretende-se um projecto que possa ser considerado quer como paisagem quer como arquitectura, acelerando uma geografia através de infraestruturas, humanizando o território, a natureza, com uma linguagem calma e serena “não um espectáculo, uma

---

<sup>22</sup>VIEIRA, Siza in BYRNE, Gonçalo - “Geografias Vivas”, Caleidoscópio, 2006, pg.76

<sup>23</sup>ROCHA, Paulo Mendes - A cidade para todos In: ARTIGAS, Rosa Camargo São Paulo, Cosac & Naify, 2000. pg. 172



pirotécnia formal, desesperadamente à procura de beleza...a arquitectura tem os seus desígnios, distante de grandes espectáculos...”<sup>24</sup>

Pretende-se mesmo que um projecto num local destes passe despercebido, algo que pareça que já faz parte do terreno, como já existente, de linguagem simples e clara, sem grandes “espectáculos e pirotécnicas”, referidas por Paulo David na citação anterior, a reclamar protagonismo.

#### **Observações:**

- Simplicidade
- Horizontalidade
- Integração
- Fluidez

---

<sup>24</sup>Paulo David, in entrevista sobre o prémio Alvar Aalto ( <http://www.dnoticias.pt/multimedia/video/307058-entrevista-com-o-paulo-david-%E2%80%93-arquitecto-madeirense-distinguido-pela-comiss> ) última visita: 15/6/2012





## REARTICULAÇÃO

À relação entre o natural e o urbano, articulando-os e unindo-os de forma coesa, dou o nome de rearticulação.

“Pode até transformar de uma forma violenta, como partido natural do desenvolvimento do projecto. Ou pode transformar ligeiramente, em continuidade. Depende do que é o projecto; depende do que significa na cidade, ou se não estiver na cidade, do seu redor.”<sup>25</sup>

Como é referido na citação anterior, um projecto em articulação com a envolvente depende do contexto. Neste caso, falamos num contexto em que existe uma ambiguidade de relações, uma mais construída – paisagem urbana - que liga a praia directamente à cidade, e uma parte mais natural que faz a transição para o resto das praias - paisagem natural.

O limite pretende ser tratado como um elemento de transição, mediando a ligação entre o contexto urbanizado e o território natural e resolvido enquanto parte integrante de um sistema urbano, estabelecendo a relação entre o construído e o natural. O conceito de limite do projecto não tem de ser apenas um remate, mas uma abertura para o mar e para os vários enquadramentos visuais.

Pretende-se a requalificação de uma área que se encontra pouco clara entre água e o assentamento urbano, com uma localização importante: próxima do centro da cidade e relacionada com o mar.

A praia é um espaço que se abre sobre um cenário repleto de acontecimentos e situações, realçados pela transparência da relação que é estabelecida com o entorno e com o mar que reflete. A definição desta paisagem não pode ser alheia à dialética que estabelece com a cidade e o simbolismo da porta entre dois mundos. É importante que se defina o carácter desse lugar na preservação do que é natural e na manutenção da identidade.

---

<sup>25</sup>SIZA, Álvaro, in “Gonçalo Byrne. Geografias Vivas”, Caleidoscópio, 2006, pg.74



A intervenção surge em contexto urbano; esta condicionante confere uma complexidade ao projecto que, para além de resolver a fronteira, terá de garantir, ao mesmo tempo, a manutenção da fluidez e do funcionamento do assentamento urbano que já existe.

“A reinvenção dos lugares depende do respeito pela paisagem natural e pela envolvente desenhada pelo homem... A paisagem é uma representação da relação entre a cultura com o lugar, a envolvente, o horizonte, o céu e o passar do tempo”.<sup>26</sup>

Pretende-se que esta operação geográfica tenha um carácter antropomórfico, que remate e cosa o urbano com o natural, o antigo com o existente, através da proposta. Por vezes estas relações podem ser apenas visuais.

### **Observações:**

- Relação com a cidade, acessos principais e edificado, malha urbana
- Relação com o natural
- Projecto como forma de “coser” o urbano com o natural

---

<sup>26</sup>ADRIÀ, Miquel. in 2G Paulo David, nº 47, 2009, pg.11



## RENATURALIZAÇÃO

“Ainda que pareça paradoxo, a principal tarefa do projecto na paisagem é avançar até ao seu ponto de partida, criando uma imagem artificial que pareça natural.”<sup>27</sup>

O processo que nos conduz a imagens do “natural” é o que proponho chamar-se renaturalização. Há uma vontade de tornar orgânica uma fronteira que já é artificializada e geometrizada, remetendo à sua antiga fisionomia. Uma arquitectura que se constrói em si mesma como algo próprio do lugar.

A renaturalização é conseguida através do desenho do próprio projecto, uma proposta que se adapte ao terreno, mas também através do material e vegetação utilizado, tendo em conta a análise elaborada:

- À plantação de algo que não nasceu no local, também chamo de renaturalizar. Não nasceu, ou não existe neste momento, mas já foi abundante nos anos 40. O mato rasteiro é então a planta que pretendo replantar de forma a que a praia volte às origens, ao ar de praia selvagem com o ambiente que lhe era característico. – áreas *non-edificandi*<sup>28</sup>.

- O material a utilizar será o betão, desta forma garante uma maior e melhor integração com a natureza, naturalizando-se com o passar do tempo, adquirindo uma patina que lhe é característica, a tonalidade cromática pretendida para o efeito.

### Observações:

- Desenho que adapte ao terreno-passeios sinuosos e orgânicos que acompanham o terreno

- Material que se “naturalize” com o passar do tempo, fundindo-se na paisagem -betão

- Plantação de matos existentes nos anos 40 - áreas *non-edificandi*

---

<sup>27</sup> LEATHERBARROW, David, in 2G Paulo David, nº47, 2009, pg.7

<sup>28</sup> Zonas onde não proponho edificar



## REPROGRAMAÇÃO

A reprogramação é, como o próprio nome indica, reprogramar o tipo de uso e equipamentos necessários para a boa utilização da praia.

A frente de mar, pela sua centralidade e posição próxima do mar, torna-se num lugar apetecível que desperta interesse. Pela carga simbólica que possui, exerce uma atracção quase magnética sobre as pessoas. É um potencial local para a implantação de vários equipamentos de forte vocação lúdica, que marcam o território, funcionando como pólos de atracção e elementos dinamizadores daqueles espaços. O programa de uso lúdico é essencial.

Melhorar a qualidade do espaço público é outro ponto importante, não criando apenas um percurso de ir e voltar, mas percursos diversificados, fluídos, quer à cota do passeio quer à cota da praia com qualidades de espaços de estar, parar- miradouro. Provocar a paragem motivada pela contemplação.

“Procuro uma arquitectura, um projecto que queira parar, que quer ser primeiro um miradouro, um carregar de memórias, um resgate de imagens.”<sup>29</sup>

Uma vez que a Praia Norte é tao rica, estudado e retirado da análise anterior – água rica em iodo, rochas de diferentes formas e configurações, variedade de algas- penso que incentivar o sentido pedagógico é essencial, de forma a tornar toda esta informação acessível a quem quer conhecer melhor esta praia e a sua constituição. Para isso penso ser importante a existência de um centro de interpretação. É importante associar a toda esta riqueza a função terapêutica e alimentar. Desta forma, seria interessante a reconstrução de uma analogia aos Banhos Quentes dos anos 40 para funções terapêuticas e um restaurante que sirva comida de tudo que é extraído do mar, algas, peixes, mariscos.

---

<sup>29</sup>DAVID, Paulo. in entrevista sobre o prémio Alvar Aalto ( <http://www.dnoticias.pt/multimedia/video/307058-entrevista-com-o-paulo-david-%E2%80%93-arquitecto-madeirense-distinguido-pela-comiss> ) última visita: 15/6/2012





Também a existência de um pré-fabricado para leitura na Praia, bastante utilizado, remete a que seja construído uma biblioteca de apoio, a reconstrução de cafés/ restaurante, que retirem maior partido do local, assim como o apoio a um bom funcionamento da praia – balneários, apoio desportivo e de salvamento.

### **Observações:**

Espaço público:

- Fluído
- Diversidade de percursos
- Ritmado com espaços de paragem e contemplação - miradouro

Equipamentos:

- Sentido pedagógico - Centro de Interpretação, Biblioteca
- Banhos Quentes – remetendo aos antigos existentes nos anos 40
- Café de apoio à praia
- Restaurante – tudo que seja extraído do mar, principalmente da praia norte
- Balneários de apoio desportivo e apoio de salvamento



## PROCESSO

Para chegar a esta proposta foi necessário um longo caminho, tanto a nível de pesquisa através de tudo que foi descrito até agora mas também muito prático, a procura incessante de um desenho que se enquadre, adapte ao terreno, a busca pela proporção adequada, de uma intervenção com a mesma linguagem dum extremo ao outro. A dificuldade de conseguir projectar algo tão extenso com aproximadamente 3Km, sem perder a lógica de conjunto, a dificuldade de uma reabilitação ao longo de um passeio marítimo, de relação forte com a cidade, rio, mar e campos agrícolas. De não me restringir apenas a um determinado pedaço de terra, mas sim a toda uma extensão que enquadra diferentes problemas tanto urbanísticos como projectuais que procuro resolver de forma clara e funcional. Entre muitas idas ao terreno, quase semanais, na procura de inspiração, trabalho de estirador, de muito **desenho** em cadernos que me acompanharam e de **maquetes** que me permitissem poder “mexer” no terreno e experimentar, ver a proporção de espaços e a sua tridimensionalidade.

Antes da explicação do projecto penso ser importante relatar todo um trabalho que funcionou ao longo de toda a parte teórica que me foi dando bases para prosseguir na parte prática, funcionando como um todo.

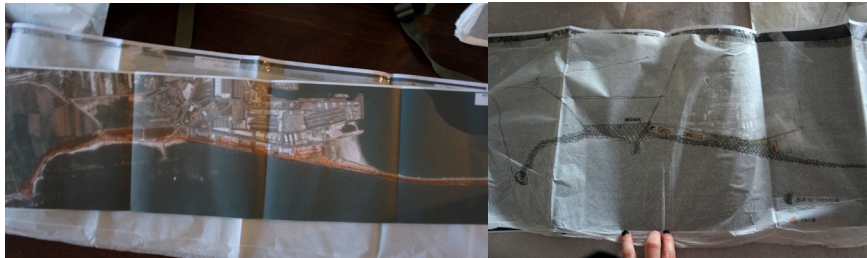


Fig.33

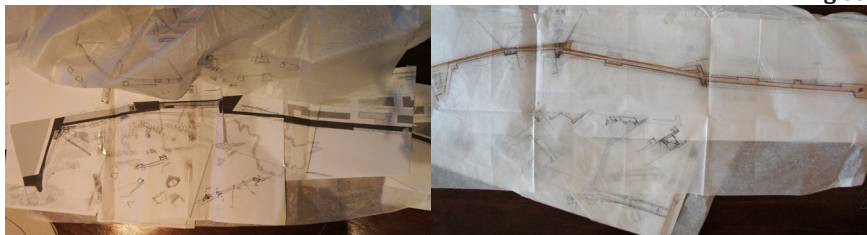


Fig.34

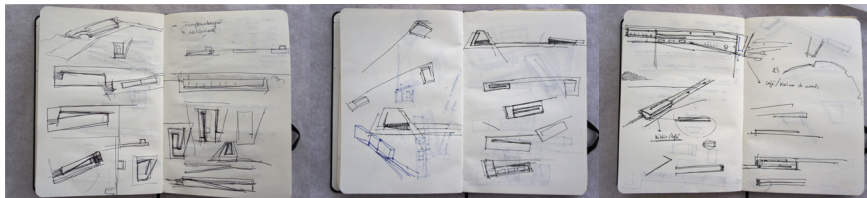


Fig.35

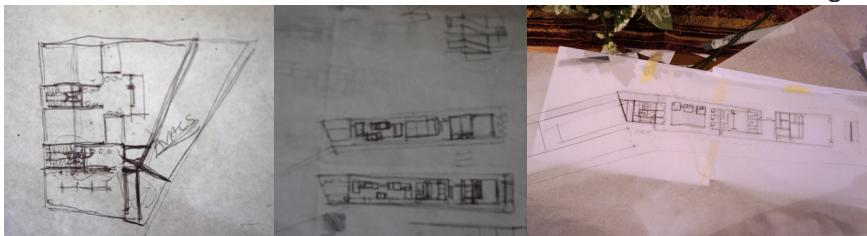


Fig.36

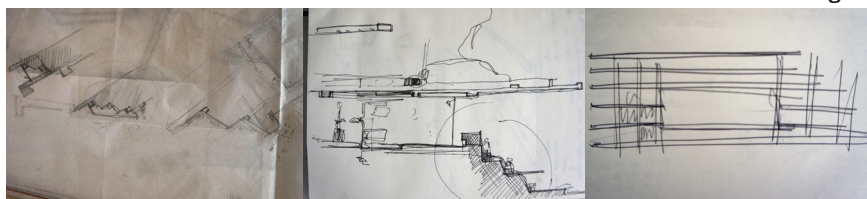


Fig.37



Fig.38

## DESENHOS

Fig.33 - Desenhos de uma fase inicial, onde começo por perceber e assinalar o meu campo de projecto, a minha área de intervenção.

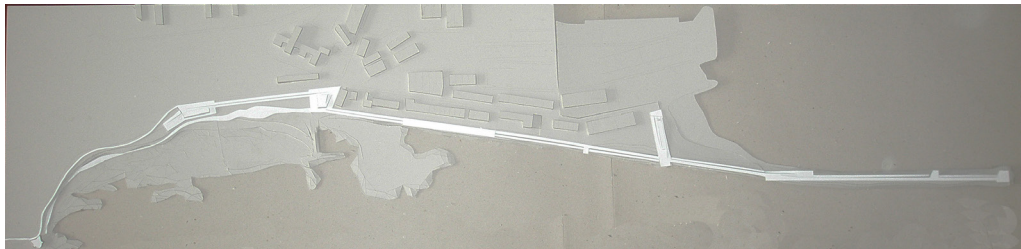
Fig.34 - Começam a aparecer as primeiras ideias, a vontade de criar espaços de paragem estrategicamente colocados, com configurações diferentes que advêm de alinhamentos ou acessos da zona urbana.

Fig.35 - A procura de uma forma para os equipamentos, de um desenho com a mesma lógica, unindo-os através de espaço público.

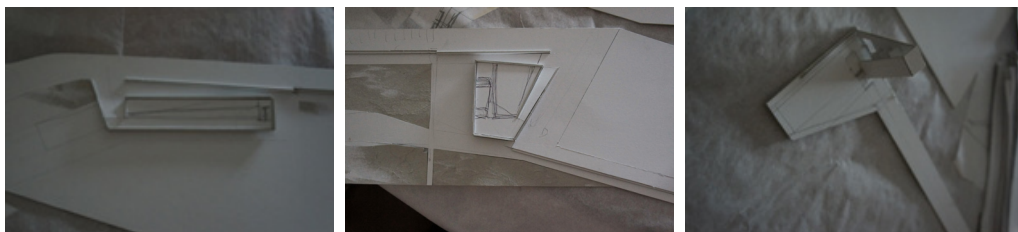
Fig.36 - Desenhos do estudo do espaço interior, do centro de interpretação e dos banhos quentes.

Fig.37 - Desenhos de estudo de pormenor. Banco que unifica a cota do passeio marginal com a cota da praia. Móvel do centro de interpretações, funcionando como balcão e móvel para livros.

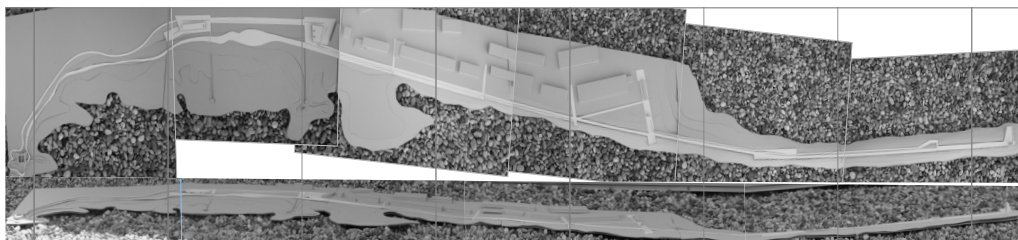
Fig.38 - Desenhos do estudo de outras partes do projecto, farol, forte...



**Fig.39** Maquete escala 1/5000



**Fig.40** Maquetes de Estudo feitas à escala 1/500



**Fig.41** Maquete escala 1/500

## **MAQUETES**

Fig.39 - Maquete a uma pequena escala (1/5000). Importante para perceber as relações com a envolvente.

Fig.40 - Maquetes de estudo esc.1/500, de várias partes do projecto, de forma a perceber a escala, funcionando como complemento ao desenho.

Fig.41 - Maquete escala 1/500. Importante para perceber a configuração de cada espaço mais pormenorizado, o desenho dos muros, as relações, os alçados.





## PROJECTO

Depois da elaboração da estratégia e depois de um extenso processo de desenho e maquetes, chego a um projecto que passo a explicar com base na estratégia - reconfiguração, a rearticulação, a renaturalização e a reprogramação - a proposta de **reabilitação** da Praia Norte.

A proposta procura habitar silenciosamente o espaço que fica entre a terra, o ar e o oceano, desde o fortim da Areosa até ao farol, fim do molhe, numa extensão de 3Km, tornando-se numa escultórica construção que se funde com o terreno para construir uma nova paisagem, com uma linguagem contínua que permite leituras do imenso mar através de miradouros estrategicamente colocados, de forma a coser o urbano com o natural, a terra com o mar.

O cruzamento de factores como a topografia, acessibilidades, programa são essenciais para o projecto. A fusão destes aspectos são fundamentais para a definição do conceito – uma instalação na paisagem.



**Fig.42** Planta reconfiguração esc. 1/15000

## RECONFIGURAÇÃO

Reconfiguração é a redefinição da margem.

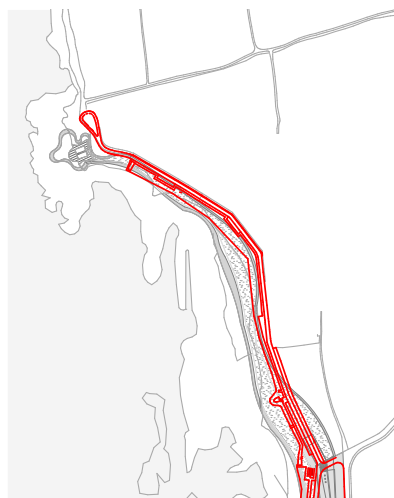
Proponho redesenhar um novo limite que vai desde o fortim do castelo Velho até ao farol do molhe Norte. Esta redefinição tem objectivos e formas de atuar distintas dependendo do tipo de relação que existe entre mar e terra. Para a reconfiguração da marginal é necessário demolições e alterações do limite existente.

O desenho deste novo limite tem em conta o tipo de local – o mar e o horizonte –, que importa manter através de uma construção muito horizontal, que conjuga a topografia do terreno, bastante plana, e permite a fluidez de movimento através de percursos que se adaptam ao local.

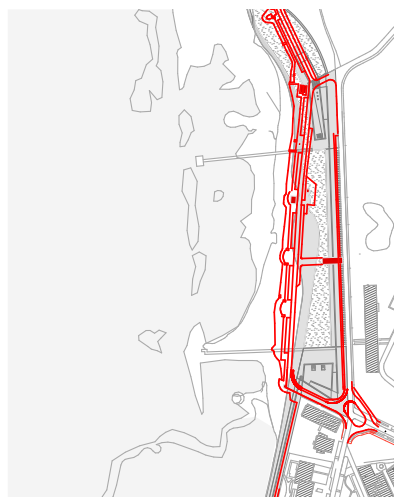
A opção de construção é a de adaptação ao terreno privilegiando sempre a vista. Desta forma, a construção de equipamentos será sempre o menos perceptível possível, a meio piso, jogando com as duas cotas do terreno – a do passeio marítimo e a da própria praia.

A Verticalidade surge no fim do molhe, através do desenho da torre, e no forte, pela imponência da ruína. Esta verticalidade sugere a marcação simbólica do início e do término da intervenção.

Para explicar o novo limite, distingo 3 diferentes zonas: Do forte à Avenida de Figueiredo, Avenida de Figueiredo e Avenida do Atlântico e Da Avenida do Atlântico até ao Farol.



**Fig.43** Planta reconfiguração do Forte à Avenida Figueiredo



**Fig.44** Planta reconfiguração da Avenida Figueiredo à Avenida do Atlântico



**Fig.45** Planta reconfiguração da Avenida Figueiredo à Avenida do Atlântico

### **1- Do Forte à Avenida de Figueiredo.**

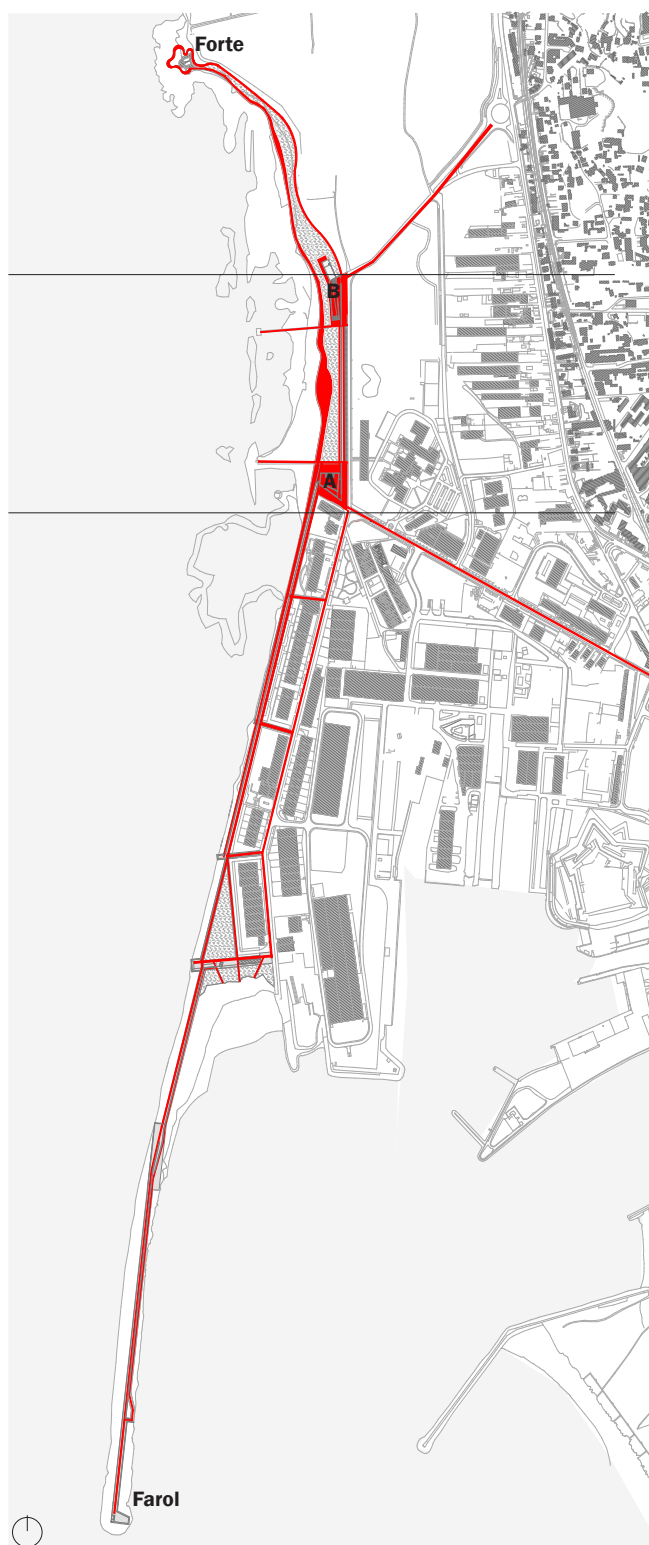
Fig.43 - Demolir o muro de pedra assim como as estradas, passeio marítimo e o estacionamento.

### **2- Da Avenida de Figueiredo até à Avenida do Atlântico**

Fig.44 - De forma a alargar a praia propriamente dita, que se encontra compreendida entre estas duas avenidas, é necessário ceder terreno. Proponho então o recuo do limite existente, mantendo apenas a estrada de ligação existente entre as avenidas principais e demolindo tudo que está para a frente: cafés, edifício rural, passeio marítimo, estrada e estacionamento.

### **3- Da Avenida do Atlântico até ao Farol**

Fig.45 - Proponho a demolição do farol existente e o redesenho do molhe, não da sua implantação mas do percurso, mantendo-se a mesma estrutura e função de protecção do mar - pedra, enrocamento.



**Fig.46** Planta rearticulação esc. 1/12000

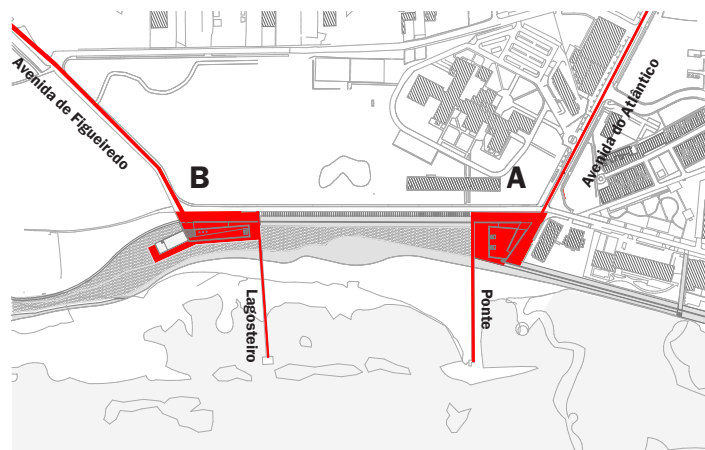
## REARTICULAÇÃO

Para poder criar uma ligação entre o projecto proposto, a vertente natural e toda a urbanidade que de certo modo é neste momento estancada pela linha costeira, foi fundamental tratar e hierarquizar os alinhamentos desta malha que se apresentam como principais referências no toque com o novo desenho. Estes enfiamentos visuais e tensões originaram espaços de relação mais ou menos directa com a praia, não só através de miradouros mas também por via de acessibilidades mais francas ao próprio areal.

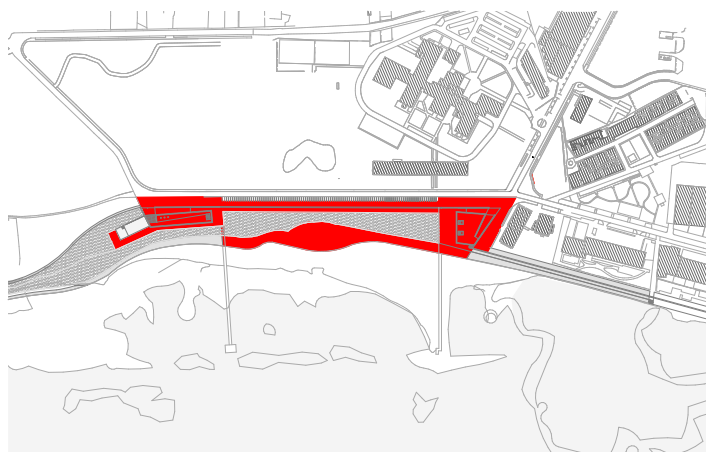
Ao longo do areal existem vários tipos de relações a várias cotas e de diferentes características que devem ser tidas em conta, ora considerando as da paisagem natural, ora com os acessos principais à praia (urbana) e área de concessões.

Passo a explicar a rearticulação, através de três momentos:

- relação da praia com os acessos principais (rótulas) e relação entre rótulas
- relação da rótula A até ao Farol
- relação da rótula B até ao Castelo Velho



**Fig.47** Planta relação da Praia com os Acessos Principais (Avenida do Atlântico e de Figueiredo). esc. 1/5000



**Fig.48** Planta de relação entre rótulas. esc. 1/5000



### **Relação da praia com os acessos principais:**

Aos remates dos acessos principais com a praia atribuo o nome de **rótulas**, pois geram uma série de acontecimentos e transições que articulam toda a proposta, criando relações fluídas entre elas próprias e o resto da intervenção.

A configuração destas rótulas vem da continuidade das avenidas de acesso à praia, até a elementos da própria praia: ponte de madeira até às Pedras Rubras e lagosteiro. As rótulas são importantes pela riqueza de relações, de acessos e também por integrarem o programa de apoio ao bom funcionamento da praia. Funcionam quase como plataformas de recepção, onde o utente pode optar pelo percurso que quer seguir.

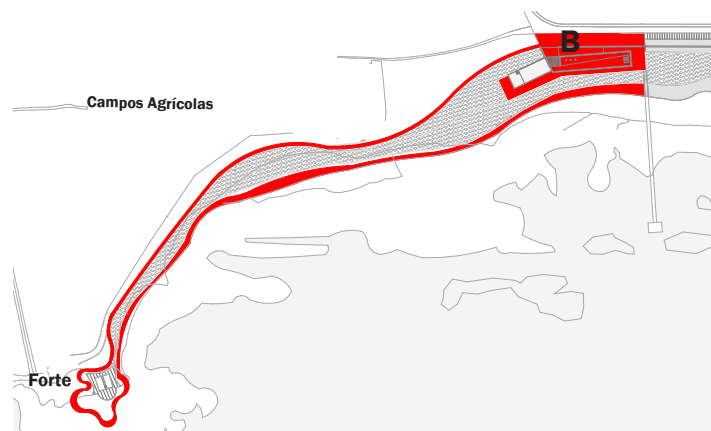
Distingue-se então as **rótulas A e B** (Fig. 47):

**A-** Vem da continuidade da Avenida do Atlântico e estende-se até à já existente ponte em madeira que nos leva às Pedras Rubras.

**B-** Vem do alinhamento da Avenida de Figueiredo e prolonga-se até ao antigo lagosteiro em Pedra.

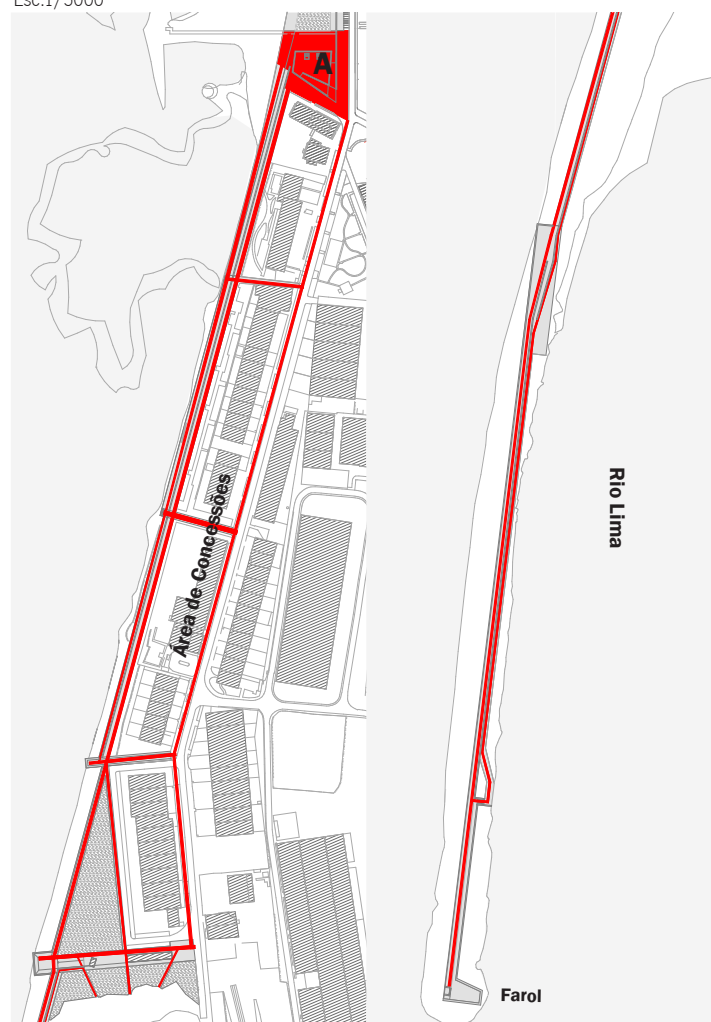
### **Relação entre Rótulas** (Fig. 48)

Estas rótulas são essenciais não só para gerar diversidade de acessos no percorrer da praia, mas também entre para criar novas dinamicas entre si. No desenho destas é possível notar a vontade de uni-las através de percursos que procuro demarcar.



**Fig.49** Relação da praia com campos agrícolas desde a rótula B até ao castelo Velho.

Esc.1/5000



**Fig.50** Relação da praia com zona de concessões desde a rótula A até ao Farol.

Esc. 1/5000

### **Relação da praia com campos agrícolas desde a rótula B até ao Castelo Velho (Fig. 49)**

A rótula B, marca a passagem da praia mais “urbana” para a praia mais natural/selvagem. Assim, faz-se a ligação até ao Castelo Velho através de um percurso desenhado de forma sinuosa e orgânica que se procura adaptar/naturalizar entre os campos agrícolas e a praia.

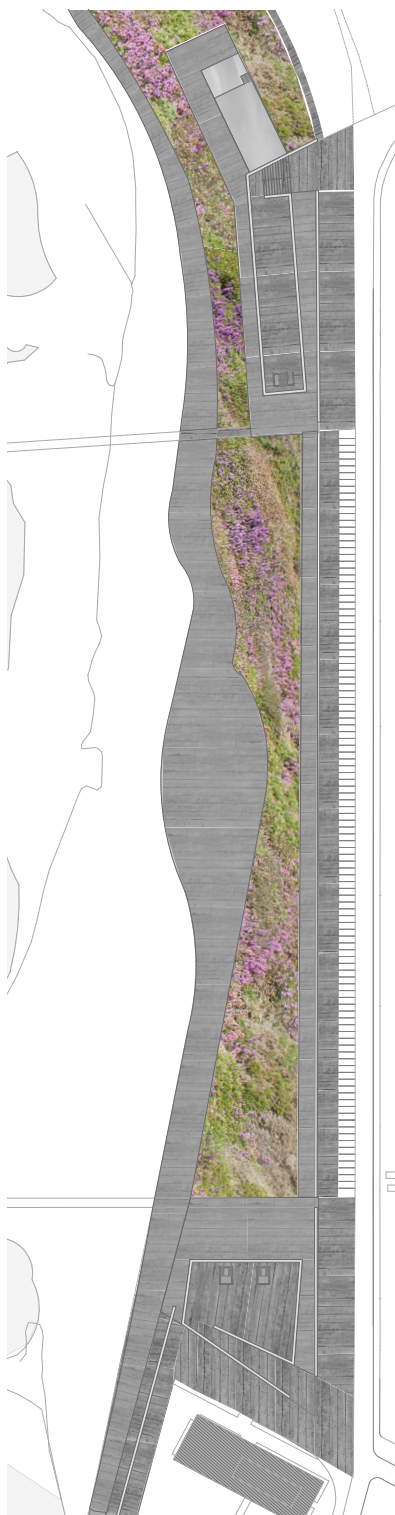
O forte é o limite/remate Norte da proposta e pelo seu carácter de ruína envolta em vegetação, é já quase parte integrante da topografia do local, funcionando como miradouro - a sua natural apropriação. Há uma vontade de minimizar o impacto de construído nesta zona, criando apenas um “caminho” que nos leva à fortificação.

Embora tenha explicado a implantação de uma forma fragmentada, é notória uma preocupação geral na intervenção. Utilizando a mesma linguagem e as mesmas preocupações de articulação da praia com a cidade, resolvo os diferentes problemas ao longo da praia.

### **Relação da praia com Área de concessões desde a rótula A até ao Farol (Fig.50)**

Através da rótula A, podemos fazer a transição para o molhe Norte, fortemente relacionado com a área de concessões. Esta relação é resolvida utilizando a mesma solução das rótulas com as avenidas, criando e prolongando ruas/passagens desde a avenida de concessões até ao molhe, rematando em varandas/miradouros sobre o mar (relação visual). Estes acessos quebram a barreira que existia com a área de concessões tornando-a permeável.

Cria-se dinamismo, quer para quem entra pela avenida de concessões através das passagens como para quem percorre o molhe. Continuando com o tema das varandas até ao farol, procuro que este funcione como forma de remate da proposta a Sul através do desenho de uma torre.



**Fig.51 - P1-** Planta de pormenor do uso do betão e do mato rasteiro na proposta. Esc. 1/2500



**Fig.52** Planta de Renaturalização. Esc. 1/12000

## **RENATURALIZAÇÃO**

### **- Materiais:**

O material a utilizar em toda a proposta é o betão.

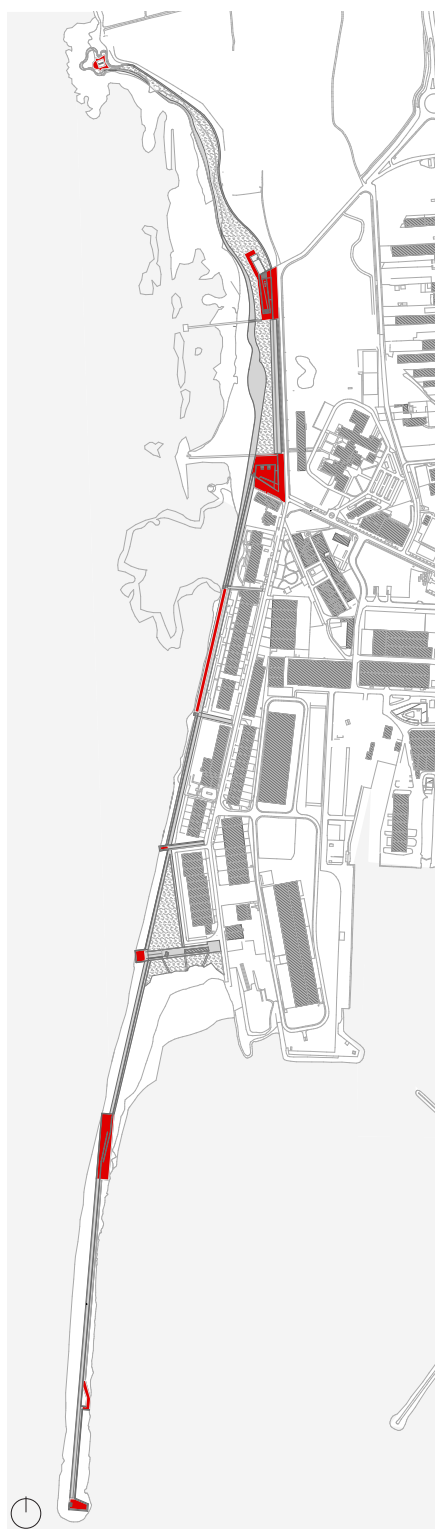
Estudado como uma escultura, é uma massa que se adapta ao terreno, que cria relações entre natural e construído, desde o Castelo Velho até ao farol, moldando-se como chão, parede, tecto, banco, escada, criando unidade.

Em toda a proposta, a cofragem do betão será feita com ripas de madeira dispostas na horizontal de forma a realçar o carácter horizontal do construído. A própria textura e expressão dos veios da madeira reforçam a tensão com a natureza. No pavimento é utilizada a mesma estereotomia mas executada perpendicularmente à praia, como alusão aos passadiços de madeira utilizados normalmente sobre as dunas.

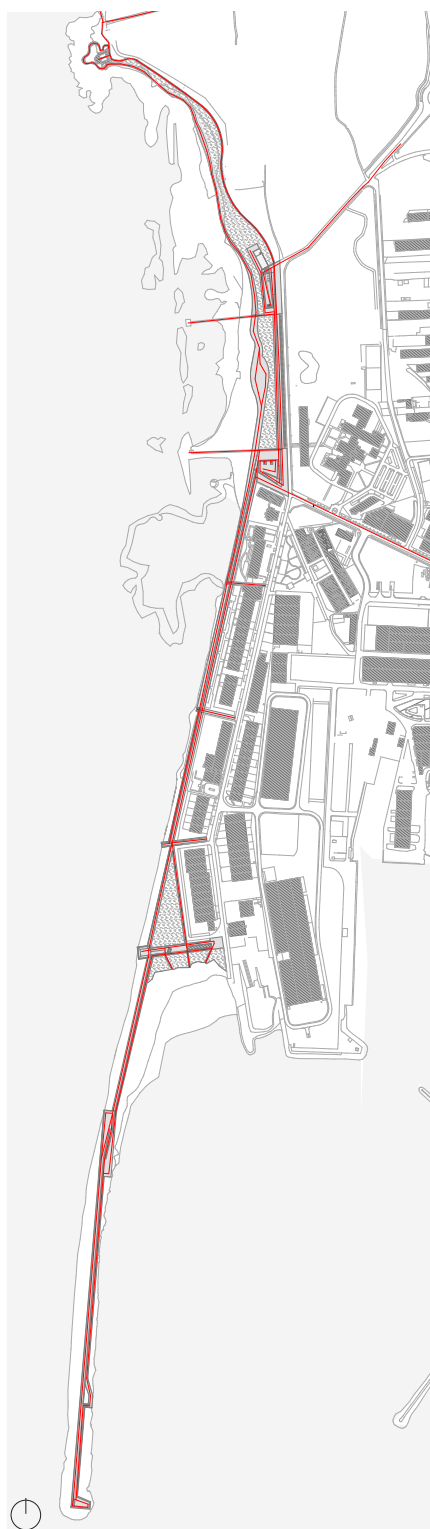
### **- Vegetação**

Proponho replantar mato rasteiro na zona de transição para a praia, recuperando o “ar” selvagem que teria nos anos 40.

-Na zona rochosa não tenho intenção de intervir pois considero que as rochas são só por si elementos escultóricos de elevado teor formal que, no caso do percurso à volta do forte, se irão fundir com a nova massa construída. Ao seu forte teor expressivo é ainda realçado um factor inato de apropriação que estes maciços rochosos possuem: servem de banco, de encosto, de mesa, de solário, de pequenas piscinas, constituindo-se como um autêntico museu ao ar livre.



**Fig.53** Planta de Reprogramação- Varandas / Miradouros Esc. 1/12000



**Fig.54** Planta de Reprogramação- Percursos. Esc. 1/12000

## **REPROGRAMAÇÃO**

### **Espaço público**

Toda a proposta tem uma forte vertente pública, uma vez que toda ela pode ser percorrida livremente, com diferentes percursos e acontecimentos. A ideia de criar apenas um percurso longitudinal à beira mar com uma extensão de cerca de 3 km torna-se pouco entusiasmante para quem o percorre. Desta forma procurei desenhar um percurso pontuado por um variado conjunto de acontecimentos capazes de despoletar sensações ora mais estáticas ora mais ritmadas . Assim, pode-se distinguir dois momentos no percorrer da proposta os pontos de PARAGEM e os de MOVIMENTO:

#### **- Varandas/miradouros -espaços de paragem e contemplação**

PARAGEM (Fig.53)

A apropriação do Castelo Velho como ponto de paragem e varanda sobre o mar, serviu de mote para a restante intervenção. Procurei algo que pudesse ser comum a toda a proposta. A ideia de miradouro surge como palavra-chave.

Utilizando a mesma linguagem, há uma sucessão de miradouros ou varandas sobre o mar, intencionalmente tratados e desenhados de forma diferenciada ao longo dos percursos que provocam o parar, estar e contemplar.

#### **- Percursos**

MOVIMENTO (Fig.54)

Os percursos apresentam diferentes variações que ajudam a unificar os pontos de paragem, através de uma série de situações distintas provocadas pelo desenho dos miradouros e dos muros. As rótulas ao estarem estrategicamente colocadas, possuem um papel fundamental na forma como o sujeito opta percorrer os vários espaços, quer ao nível do areal ou pelo passeio marítimo, subindo ao miradouro ou mesmo seguindo pela tensão descendente que nos leva ao interior dos equipamentos.





Há uma clara distinção entre as relações de desenho e configuração dos percursos da zona urbana, geometrizados e regulares, e os de contacto com a zona natural, que procuram adaptar-se através de um desenho mais orgânico.

O desenho dos **muros/lambrins** que vão percorrendo a proposta adapta-se ao tipo de resposta que pretendo para cada situação, funcionando maioritariamente como banco. Este banco assume-se como peça fundamental na resolução de várias problemáticas e temas da proposta, apresentando assim diferentes configurações:

- Banco alto - cria proteção das ondas e permite que o utilizador se sente
- Banco largo - evita recorrer a guardas metálicas de difícil conservação e de maior impacto visual, garantindo a segurança dos utilizadores
- Banco inclinado – dinamiza a relação com a linha do horizonte e permite também que o utilizador se deite

Este elemento pode ser interrompido sempre que seja necessário assinalar a ligação a outros percursos e é anulado quando existe uma intensão de deixar que algo entre em contacto com o passeio: como a vegetação, as rochas ou a água. O banco unifica os pontos de paragem com os de movimento, funcionando quase como uma guia.

Passo a explicar os diferentes **Percursos** e **Miradouros**, dividindo a proposta em seis partes. Cada parte é exposta através de um desdobrável que contém desenhos fotografias e esquemas, aumentado a escala à medida que é aberto.

- 1-Fortim da Areosa até Banhos Quentes – Avenida de Figueiredo
- 2-Rótulas
- 3-Varanda larga
- 4-Varandas pequenas
- 5-Varanda de transição
- 6-Final do molhe

**1- Forte do Castelo Velho até Rótula B**

## **1- Forte do Castelo Velho até Rótula B**

Esta é a parte do projecto de maior contacto com a praia natural. É onde se pode aceder ao forte - limite Norte da proposta - através de uma escultórica escada que procura não tocar no edifício, mantendo a ruína quase intacta.

Nesta parte do projecto existem variados percursos que nos levam ao ponto de paragem/ miradouro – Castelo Velho- mas também nos levam a outros pontos de paragem. O mais próximo é a rótula B.

Passo então a explicar as opções de percursos e acesso ao miradouro:

A- Vir da rótula B e percorrer o caminho à cota da marginal;

B- Seguir no percurso à cota mais baixa - praia - e contornar o forte por entre as rochas;

C- Vir de um caminho já existente por entre campos agrícolas;

D- Seguir por um trilho em seixos rolados que une à praia seguinte.

## **2- Rótulas**

## **2-Rótulas:**

Esta zona é a praia propriamente dita. É aqui que se faz a chegada pelas Avenidas principais, através de rótulas:

### **Avenida do Atlântico (rótula A):**

Quando se chega à praia por esta avenida a recepção é feita pela rótula A. O edifício está alinhado de forma a não quebrar a vista para o mar. Quando se chega a esta rótula há a possibilidade de:

- A- Subir fluidamente uma rampa até ao miradouro;
- B- Continuar à cota de chegada e ir até ao molhe ou em direcção à rótula B;
- C- Descer até à praia e seguir diferentes percursos;
- D- Entrar no Edifício.

### **Avenida de Figueiredo (rótula B):**

Com a mesma lógica da outra rótula, quando chegamos à praia por este acesso, a recepção é feita pela rótula B. Há a possibilidade de:

- A- Continuar e subir as escadas até ao miradouro;
- B- Permanecer à cota de chegada e ir até ao castelo Velho ou em direcção à rótula A;
- C- Descer até à praia e seguir diferentes percursos;
- D- Entrar no Edifício.

### **3- Varanda larga**

### **3-Varanda larga**

Nesta zona há a intenção de unir a Avenida da Área de Concessões ao molhe, fazendo a entrada no molhe por duas passagens distintas mas que simultaneamente vão dar à mesma varanda. Nesta zona temos como percursos distintos:

A- Aceder ao molhe através da Avenida da Área de Concessões, ou vice-versa, continuando à cota do passeio marginal,

B- Descer até à varanda e seguir outro percurso a uma cota mais baixa

C- Percorrer a escada no sentido descendente e ir até ao percurso orgânico de maior contacto com a praia

D- Ir directamente pelas escadas para a praia/água

#### **4- Varandas pequenas**



#### **4-Varandas pequenas**

O acesso a estas varandas é também feito com o propósito de unir o molhe à Avenida de Concessões. As duas parecem emergir das rochas existentes do molhe, quase como varandas encrustadas com características distintas:

- A primeira é mais estreita, como um varandim de onde o lambrim surge da marcação desenhada no pavimento, levantado um muro que protege do mar, parecendo que se levanta do chão. Tem como percursos:

A- Ir da Avenida de Concessões para o molhe e do molhe para a Avenida

B- Entrar na Varanda vindo de vários percursos e vislumbrar a paisagem.

C- Aceder à Varanda e seguir por um percurso que nos leva a uma cota mais baixa da varanda larga

D- Ir do molhe para um acesso mais estreito que nos leva à praia do coral, unindo ao outro miradouro.

- A segunda é mais larga e com um perfil distinto, emergindo do chão, mas de outra forma, provocando uma inclinação do muro que possibilita a apropriação deste, potenciando o encosto, o deitar no muro expondo-se ao sol ou para contemplação da paisagem. Tem como percursos:

A- Ir da Avenida de Concessões até ao molhe ou do Molhe para a Avenida através de uma rampa que nos leva até ao miradouro.

B- Ir da Praia do Coral e subir uma rampa estreita até à varanda anterior

C- Seguir da Praia do Coral por um percurso estreito que nos leva até outro miradouro

D- Da zona do coral até à praia através dos já existentes passadiços de madeira

## **5- Varanda de transição**

## **5-Varanda de transição**

É nesta zona que se faz a transição da parte do molhe relacionado com a área de concessões com a parte ladeada por rio e mar. Estas duas partes além de terem relações diferentes, têm direções distintas.

Esta transição é feita através de um miradouro com dois níveis que proporcionam diferentes possibilidades de percursos:

A- fazer a transição normal à cota mais alta do molhe, no percorrer deste sem parar, ou parar numa zona protegida por um muro alto, com a possibilidade de visualizar a paisagem através de uma abertura longitudinal

B- vir da zona do molhe em contacto com a Área de Concessões, descer à cota de relação com o rio Lima e continuar para a cota inferior do miradouro seguinte

C- vir da zona do molhe em contacto com a Área de Concessões, descer e voltar para trás através de um percurso a uma cota mais baixa que nos leva à Praia do Coral;

D- fazer a transição normal à cota mais baixa do molhe, sem parar ou parar para vislumbrar a paisagem.

## **6- Final do molhe**

## **6-Final do molhe**

Esta zona da proposta é a zona mais a Sul, sendo o farol o limite sul através do desenho de uma torre. Temos então o alargamento da cota mais alta que une os dois miradouros. Na varanda que antecede a varanda do farol podemos verificar que esta faz a ligação à cota mais baixa do molhe que une as outras varandas.

Estas varandas encontram-se viradas para Nascente, uma vez que é uma zona perigosa, evitando as ondas de Poente. Desta forma, também se altera o campo de visão, virando-se para o rio Lima. O farol parece emergir do chão, através de um grande plano que vai estreitando à medida que sobe, aumentando a ilusão de verticalidade e criando um muro que protege das ondas, sendo o mar visível apenas por uma abertura.

Passando a descrever os percursos:

A- Vir de Norte em direcção ao farol, subir as escadas/elevador até ao topo (do farol), ou seguir até à varanda voltada para o Rio Lima.

B- Vir da Varanda do Farol e seguir o alargamento do molhe até às escadas do miradouro seguinte, continuando o percurso a uma cota mais baixa, de relação com o rio.

C- Vir de Norte e descer as escadas do miradouro que antecede o farol, contornar as rochas e voltar para trás, em direcção à varanda de transição;



### **Equipamentos:**

Os equipamentos situam-se associados às rótulas, estando assim estrategicamente colocados nos locais de chegada à praia, envolvidos pelos acessos e desenvolvidos a meia cota: se subirmos temos acesso ao miradouro, se descermos ao nível de maior relação com a praia temos acesso ao interior. Desta forma permite que o edifício não seja muito alto na cota de chegada à praia, não chocando com a envolvente através da grande horizontalidade criada. O edifício deixa assim de ser visível como elemento individualizado, referindo-o a um conjunto de rampas de acesso que dão continuidade aos percursos principais, não interferindo brutalmente nas relações visuais, sendo visível na sua totalidade em pontos de vista a cotas mais baixas.

Distribui-se assim o programa que relaciona as duas rótulas, uma vez que o Centro de Interpretação tem uma função pedagógica e de tudo o que é extraído do mar tanto para funções terapêuticas - Banhos Quentes; como para a alimentação - Restaurante.

**Rótula A - Centro de Interpretação e Biblioteca/Restaurante**



### **Na rótula A: Centro de Interpretação e Biblioteca associada a um restaurante**

Este complexo desenvolvido na rótula A pode ser acedido pela rampa de acesso à praia, que parece estreitar à medida que a descemos, mas ao ser percorrida, vai alargando para a zona coberta do edifício que nos leva à entrada do Centro de interpretação. Existem também outras entradas para este complexo de maior relação com a Praia: uma diretamente para o Centro de Interpretação e outra para a Biblioteca / Restaurante, locais onde se situam também os acessos verticais exteriores do miradouro. Estas encontram-se bem demarcadas, recuadas, dividindo o edifício em 3 volumes salientes, que formam o programa no interior.

Entrando na zona do Centro de Interpretação, o hall distribui para um auditório, uma zona de investigação/trabalho subdividida e uma zona de exposição.

Pelo interior é também possível a passagem para a Biblioteca/Restaurante, onde existe um grande móvel que forma a estante para os livros e o balcão para o restaurante. Este espaço procura conjugar uma área de leitura, com grandes mesas, mas que também podem ser adaptadas a restaurante nas horas de refeição. Neste restaurante a comida servida está relacionada com tudo que é extraído do mar, peixe, mariscos, algas.

A cozinha encontra-se numa fase de estudo bastante embrionária, assinalado-se apenas as possibilidades de divisões de apoio, sem grandes preocupações funcionais uma vez que existem exigências e normas próprias para o seu desenho.

No exterior do edifício, proponho uma gelataria relacionada com a esplanada da biblioteca/restaurante e à cota do passeio marginal virado para o molhe, um quiosque, como forma de reinterpretar o que já lá existia.

**Rótula B: Banhos Quentes - Café - Balneários de apoio  
desportivo e Apoio de Salvamento**

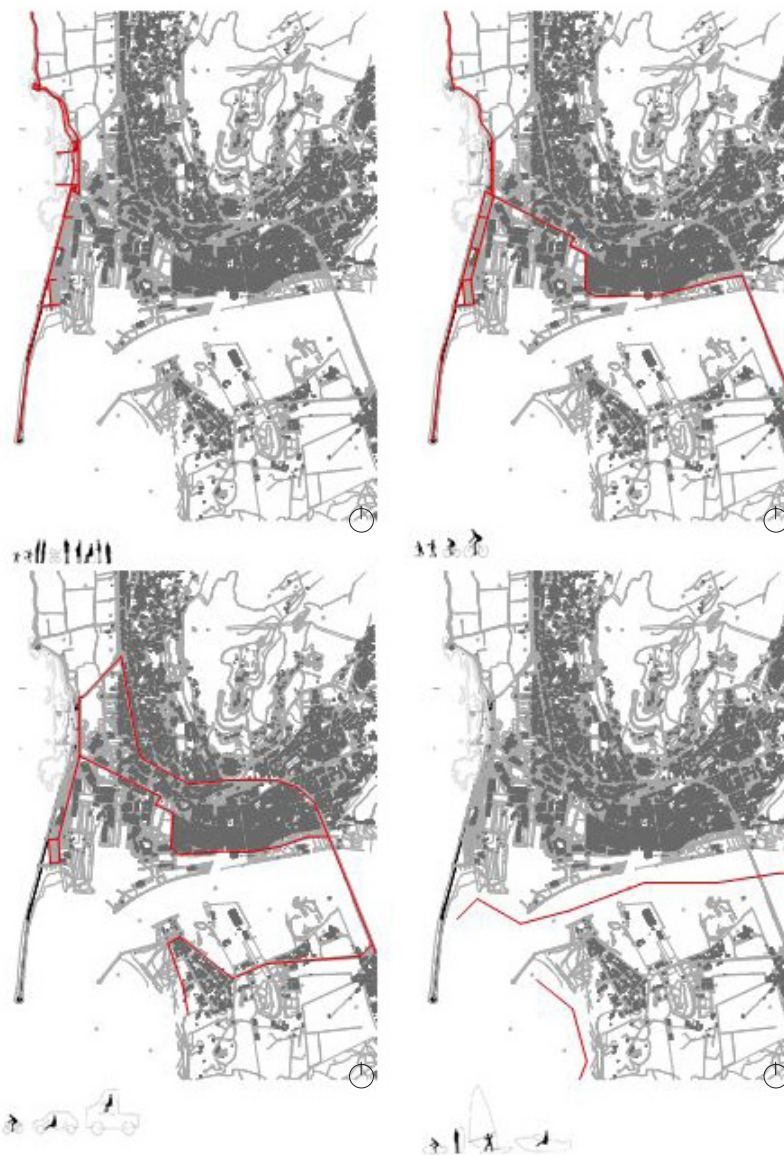
### **Rótula B: Banhos quentes e Piscinas de água salgada - Café - Balneários de apoio desportivo e Apoio de Salvamento**

Este complexo desenvolvido na rótula B, estende-se paralelamente à linha de costa e a perpendicularidade estabelecida com o acesso ao lagosteiro, forma uma pequena torção em relação ao passeio marginal. Devido a esta torção, semelhante ao que acontece na rótula A, a rampa estreita para o acesso à praia e alarga para a zona coberta que nos leva à entrada dos Banhos Quentes, ao apoio desportivo e salvamento e ao café. Se, se optar por subir ao miradouro, também é possível aceder à zona exterior coberta do edifício através de um acesso vertical. O edifício desenvolve-se longitudinalmente, em apenas um piso aberto a Poente. O programa divide-se para Norte os Banhos Quentes e para Sul o café. Entre eles fica o apoio desportivo e de salvamento. Embora divididos, estão também ligados por um acesso interior.

Os Banhos Quentes, procuram uma alusão aos antigos que existiram na praia e têm essencialmente uma piscina interior, uma exterior e salas de tratamento.

O acesso à piscina interior é feito por um corredor, pontuado por volumes que parecem emergir da água e é entre eles que se faz a entrada para a piscina de água salgada. As entradas, pela sua orientação, dão a sensação de que estamos a entrar no mar, uma vez que este aparece como pano de fundo. Estes volumes são pequenas caixas que contêm os banhos de algas, funcionando como pequenos casulos, fechados a toda a volta e iluminados por uma luz zenital que confere um ambiente intimista. Ladeando a piscina, existem uma série de salas para tratamentos e massagens. Se continuarmos pelo corredor, este vai alargando até ao acesso à piscina exterior, onde a entrada na piscina, também de água salgada aquecida, é feita por um corredor de água coberto, de pé direito muito baixo, aumentando o factor surpresa na chegada ao exterior.

A piscina encontra-se numa plataforma exterior que parece quebrar com o edificado, esta torção protege-a dos ventos e simbolicamente faz a passagem do construído para o natural. É plantado mato rasteiro de forma a privatizar a piscina exterior, deixando apenas o lado Poente descoberto para o mar, consequentemente conferindo-lhe um ar mais natural. Esta plataforma parece emergir dessa mesma vegetação, conferindo-lhe um ar selvagem provocado também pelo reflexo do mato no espelho de água.



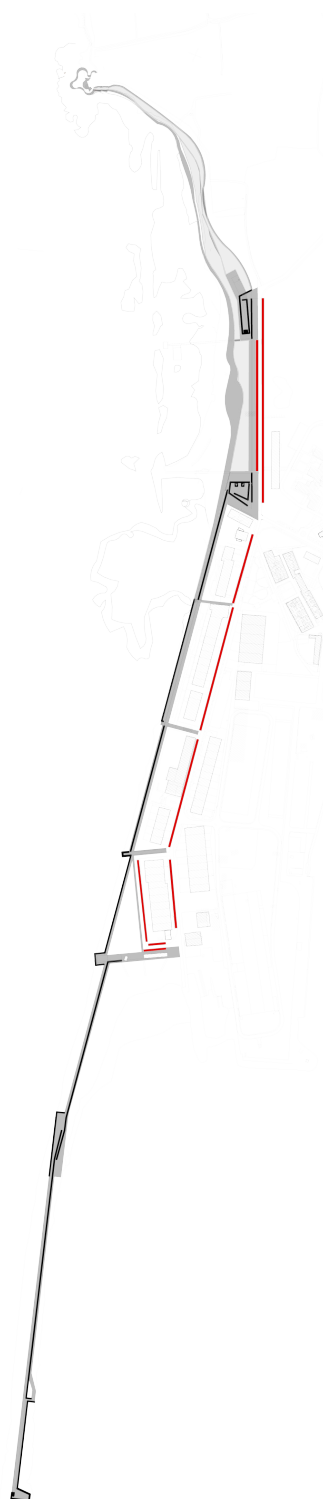
**Fig.55** Planta de Acessibilidades - Percursos. Esc. 1/35000

## **Acessibilidades**

- Reconhecer as novas e existentes acessibilidades de Viana do Castelo, tendo em conta a sua dimensão marítima nas componentes portuária (comercial e de recreio), da Indústria naval e da Pesca.

- Acessibilidades do centro urbano à orla costeira - relação da Frente Ribeirinha com a Marítima.

- A Estructura propõe garantir a acessibilidade e mobilidade dos utentes sem limitações de idade ou capacidade física tal como a circulação comum e partilhada de pedestres e ciclistas.



**Fig.56** Planta de Estacionamiento.  
Esc. 1/12000

## **Estacionamento**

O percurso viário é encurtado, termina no limite do construído (Avenida do Figueiredo) privilegiando o peão na relação com a natureza.

Proponho a zona de estacionamento na relação da estrada paralela com a praia, local onde se dá a união das duas avenidas principais - Avenida de Figueiredo e Avenida do Atlântico - , confinando deste modo o estacionamento automóvel à chegada.

Proponho também a reabilitação do estacionamento na Avenida de Concessões que actualmente é pouco frequentado, mas que com a relação criada com o molhe, pode agora passar a ser mais utilizado.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de poder realizar um trabalho final de curso acerca da minha cidade e num espaço que me é bastante familiar, pareceu-me um motivo muito forte como temática e matriz principal da última manifestação académica antes da vida profissional. Este projecto, apesar de partir de um sério e cuidado enraizamento na realidade, avança no sentido de uma proposta livre de condicionamentos tão complexos como os de uma encomenda real de trabalho. É porventura também este aspeto que a torna mais genuína e sincera.

Esta prova tem assim a liberdade de definir os campos e os níveis de intervenção, de relocar programas existentes ou já extintos e adicionar estrategicamente algumas novas permissas que me pareceram pertinentes com o desenvolvimento do trabalho. Existem temáticas complexas que transcendem os limites técnicos da minha actual formação académica, tais como redesenhar molhes e configurar passeios marítimos, que na realidade requerem um enorme entrusamento entre várias especialidades e condicionantes legais e ambientais. No fundo, a expressão de um ponto de vista pessoal sobre um dado problema, trazendo-o à discussão e dissecando as questões essenciais do mesmo, pareceu-me mais importante e estimulante do que o bloqueio mental de não ter certezas sobre o que este objecto arquitectónico era ou não capaz de atingir na realidade.

Essa liberdade em designar componentes de uma intervenção de grande escala confere ao trabalho um certo carácter utópico, que trata temáticas tão distintas como a reabilitação de um farol e o fortim em ruína.

O estudo do local no seu todo, desde o que foi até aos dias de hoje, foi fundamental para perceber o que se perdeu e o que se ganhou com o passar do tempo, entendendo a praia não só como a imagem que se apresenta diante de nós hoje, mas em toda a sua dimensão histórica.



Depois de toda uma pesquisa e análise, das quais se retirou o mais pertinente, passou-se à elaboração de parâmetros de uma estratégia para a reabilitação: reconfiguração, rearticulação, renaturalização e reprogramação. A distinção destes parâmetros foi importante para ordenar todo o pensamento da elaboração de um projecto, tão extenso e tão complexo, onde se tem de resolver o confronto do urbano com o natural.

A reconfiguração trouxe-nos à discussão a vontade de criar um novo limite entre terra e mar, redesenhando-o. A rearticulação, como o próprio nome indica, com a articulação entre a cidade e a praia, o urbano e o natural. A renaturalização pela vontade de perceber que por vezes é necessário que a própria arquitectura seja parte da natureza que tentamos reconstruir, dissolvendo-se na vegetação e integrando-se no perfil do terreno existente, sem ferir nem chocar, transparecendo a natural tranquilidade de um lugar como este.

Por fim a reprogramação, interpretando o local e a sua necessidade programática, num projecto com a vocação de espaço público, onde a necessária paragem interliga percursos ritmados e espaços de estar, sem que a monotomia do ir e voltar prevaleça, procurando no desenho mais geométrico a relação com a cidade e no traçado sinuoso a química com a praia. Uma linguagem lógica que resolvesse as várias questões levantadas ao longo da praia.

Com toda a sua extensão, foi importante perceber que a praia tem características e diferentes problemáticas na relação com a terra, ora mais urbana ora mais natural. Desta forma, procurei responder a cada um dos parâmetros previamente enumerados de forma distinta: o local de chegada que distribui ora para o molhe que leva ao farol (limite Sul) e a praia mais natural que leva até ao forte (limite Norte).



O local de chegada - a praia de carácter mais urbano - é conformada pelas duas avenidas principais – Avenida do Atlântico e de Figueiredo -, onde através das chamadas rótulas se faz a recepção e articulação com a praia. Nestas rótulas encontra-se o programa de apoio ao bom funcionamento e utilização da praia, e não só actuam como plataforma de chegada como também são geradoras de movimento e fluxos capazes de ligar a cidade com a praia, unificando os vários sectores da proposta, desde o Molhe da Barra/Farol (Sul) até ao Forte da Areosa (Norte).

O Molhe encontra-se dividido em dois momentos: o que se desenvolve junto à Área de Concessões e o que termina no farol como marcação vertical envolta em rio e mar. A praia dita mais selvagem e natural situa-se já na zona dos campos agrícolas, adornando a orla do forte e rematando o término do projecto.

Foi importante perceber todo este trabalho de confronto e de *corte e costura*, na conformação de um projecto que respondesse a diferentes contextos e que ao mesmo tempo pertencesse à mesma lógica e linguagem de intervenção. É através de um elemento unificador como tema para toda a proposta - o miradouro - que me proponho a rematar percursos e relações com a cidade, ora abrindo para o mar como varanda, ora criando acessos a percursos, montando assim, uma proposta dinâmica e fluída de movimentos.

Reviver a memória do que outrora foi aquele lugar foi uma intenção forte que recaiu directamente sobre a importância de minimizar o impacto da construção. Vislumbrar novamente o mar, o mato, a água sem o ruído da construção avulsa. Para tal, os equipamentos desenvolvem-se a meio piso, permitindo a unificação e relação da cota da cidade com a praia. A escolha de materiais e texturas que se adaptem ao local – betão cofrado em madeira - e que ultrapassem a intempérie e o passar dos anos



com naturalidade, coexistindo com a característica vegetação rasteira que outrora ali habitou, recuperará a memória da costa de outrora, de continuidade e clareza visual entre mar e praia.

A intervenção é apenas a minha resposta perante a problemática previamente enunciada, ciente de que há um sem número de soluções e interpretações para o terreno escolhido. É pessoalmente, bastante mais enriquecedor e interessante como estudante de arquitectura, todo o envolvimento e todas as questões levantadas durante o processo deste trabalho, assumindo-se como algo mais interessante e estimulante do que o resultado final possa ou não significar. E todo este processo foi pautado por um enorme respeito pelo o que de tão sensível permanece ainda na Praia Norte, sendo um pilar basilar a procura não do objecto arquitectónico enquanto revelador de uma autoria, mas sim a componente paisagística da cidade, que passa a conformar o tecido urbano com a vertente natural, mediando o contacto entre o contexto urbanizado e o território natural.

Aqui fica o meu ponto de vista, uma possível resposta, carregada de simbolismo e memórias de infância, onde depois de cinco anos de aprendizagem pautados também pelo distanciamento e a ausência, olhei para a praia não só como local onde recorro para idealizar projectos de vida, mas também como o local a que recorri como resposta para o meu ponto final, idealizando e desenhando um projecto de arquitectura.





## BIBLIOGRAFIA

### **Bibliografia relacionada com Viana do Castelo:**

- ABREU, Alberto A. História de Viana do Castelo 2º Vol. | 2º Tomo, C. M. Viana do Castelo, 2008
- BOTELHO, João. “Modos Usos e Costumes na Veiga Litoral Vianense”. Viana do Castelo, 2001.
- CARVALHO, António de. - “ Acontecimentos que Viana sentiu”, Viana do Castelo, 2005
- FARIA, Horácio, Litoral norte de Viana do Castelo, in Estudos Regionais nº16, Viana do Castelo, Centros de Estudos Regionais, 1995.
- FARIA, Horácio - Comunidades e Dinâmica da Orla Costeira Altominhota- in Estudos Regionais nº22, Viana do Castelo: CER, 2001.
- FARIA, Horácio - “O Litoral Vianense”- C.M. Viana do Castelo, 2001
- MATOS, Elizabeth – Rede Natura 2000 de Viana do Castelo: Espaços Naturais 2000.
- MONTAÑA, Estro; COSTA, José M. Lima: Rotas da água. Pela Costa do eixo Atlântico.Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular
- ORTIGÃO, Ramalho: as Farpas, A Cidade de Viana do Castelo (1882)
- PEIXOTO, António “O Litoral de Viana e a sua Arquitectura Militar” Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2001
- PEREIRA, Leonel. Algas. Os seus Usos na Agricultura, indústria e Alimentação. C.M. de Viana do Castelo, 2010.



### **Bibliografia Geral:**

- BOO, Isabel López. PARDO, Carlota Robelo; Actuaciones Urbanas en Bordes Marítimos, Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1993
- BYRNE, Gonçalo “Geografias Vivas”, Caleidoscópio, 2006
- CABRAL, Natércia Rêgo; Faixa Litoral e Domínio Público Marítimo: Normativa e Intervenções, in Sociedade e Território nº12, Maio 1990
- Centro de Estudos da Faup; Água, cidades e frentes de água; FAUP publicações, Porto, 1998
- CORBUSIER, in Conversa com os estudantes das escolas de arquitetura. Editora Cotovia, 2009
- DAVID, Paulo, 2G nº 47, Gustavo Gili, 2009
- HEIDEGGER, Martin - “Questions III”, Éditions Gallimard, Paris, 1966
- MONEO, Rafael - “Apuntes sobre 21 obras”, Editorial Gustavo Gil, 2010.
- NUNES, João. in “PROAP Arquitectura Paisagista” .Lisboa:Note, 2010.
- OSTAN, Aleksander Sasa, in Quaderns nº212; paysage dual
- PESSOA, Fernando in “Poesia 1902 - 1917”, Editora Assírio & Alvim, 2005
- ROCHA, Paulo Mendes - A cidade para todos In: ARTIGAS, Rosa Camargo. “Paulo Mendes da Rocha” São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- SIZA, Álvaro – “Imaginar a Evidência”. Lisboa: Edições 70, 1998



**Paginas web:**

- DAVID, Paulo. in entrevista sobre o prémio Alvar Aalto ( <http://www.dnoticias.pt/multimedia/video/307058-entrevista-com-o-paulo-david-%E2%80%93-arquitecto-madeirense-distinguido-pela-comiss> )

- Opiniões encontradas na página web - <http://www.trivago.com.br/viana-do-castelo-51103/praiado-norte-1797471/opinioao>.



## **ANEXOS**

- Planta Geral de Implantação esc. 1/2000
- Maquete Geral (escala real 1/500)